

Stadium

N.º 275

10 de Março de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Foto: MANIQUE

BENFICA - VITÓRIA DE GUIMARÃES

— Uma fase de ataque excepcionalmente curiosa: Júlio, todo no ar, tenta o remate de cabeça, que Carlos evita com oportunidade. A volta destas figuras centrais, há outras interessadas na solução do golpe!



A sorte influe no jogo da bola

Cada clube põe cada vez mais força de vontade em campo, uns por uma razão, outros por outras...

Crónica de TAVARES DA SILVA

Passam-se os domingos, e não há forma dos problemas que a Tabela comporta se iluminarem. Os concorrentes apuram as últimas resistências nos encontros decisivos — e quase todas as partidas merecem a designação... Um, por causa do título; outro, para fugir ao último posto; outro ainda, por brio regional, enfim, todos têm razões mais que suficientes para se darem aos jogos de alma e coração. As partidas tornam-se cada vez mais emocionantes, não havendo desafios fáceis, ou, pelo menos, estando essa percentagem muito reduzida.

Os resultados que se verificaram na 16.ª jornada foram os seguintes:

Estoril 1 — Sporting . . . 2
Benfica 3 — Vitória G. . . 0
Belenenses . 7 — Académica . . 1
Elvas 5 — Atlético . . . 3
Boavista . . . 2 — Lusitano . . . 1
Olanhense . . 1 — Porto 4
Sp. Braga . . 3 — Setúbal 1

E não se pode dizer que os resultados, embora normais, não tenham produzido alterações. As pequenas ondas também agitam as águas...

No grupo aguerrido dos cinco favoritos deu-se a queda do Estoril, que, de 3.º, passou para 5.º, agora com a diferença de 3 em vez de um ponto; no lote dos cinco com 12 pontos, Elvas e Boavista destacaram-se; na zona da angústia acentuou-se a desgraça da Académica.

A não ser a descida do Estoril, praticamente, a posição dos clubes é a mesma. Siga o adepto conosco a Tabela. Belenenses e Sporting continuam a caminhar lado-a-lado, cada um à espera que o outro caia, ou então aguardando

o seu dia de julgamento. A um ponto segue o Benfica, e a dois o Porto, ambos desembaraçados. Estoril em 5.º. Logo a parêntese Elvas-Boavista, o trio Lusitano-Atlético-Olanhense. A seguir, o duo Guimarães-Setúbal com 10 pontos, Braga isolado com 9, e Académica com 7 pontos.

Quer dizer, a Tabela continua a apresentar três divisões mais ou menos nítidas e distintas: os 5 da frente na luta pelo título, os 5 da zona intermédia nem peixe nem carne, os 4 da zona de angústia.

Apesar de todas as palavras, jogar fora de casa representa mais um obstáculo, tanto maior quanto mais fraco for o team visitante. Um Sporting, ou um Benfica, já pela categoria do seu grupo já pelo respeito que infundem, são os que menos se deixam inferiorizar e vencem a hostilidade do ambiente, encontrando de resto em toda a parte a sua camada de adeptos. Mas os mais fracos, nos meios grandes, acham-se desamparados, e tornam-se ainda mais fracos e humildes.

A excepção do Olanhense e do Estoril, todos que jogaram em casa alcançaram a vitória, com maior ou menor dificuldade. Mas, de um modo geral, os encontros merecem a nota de equilibrados: o caso da Académica, e mesmo de Guimarães, confirma a regra. Vários desafios valeram no duplo ponto de vista de qualidade e de espectáculo. À frente de todos deverá colocar-se o Estoril-Sporting, um grande desafio de Campeonato.

A partida interessou de princípio ao fim, embora apresentasse duas caras: na primeira, os dois grupos atacaram-se e defenderam-se por igual, sendo difícil determinar se algum deles conse-

guiu vantagem tanto territorial como ténicamente. Foi o período dos teams em igualdade numérica. No reverso, verificou-se acentuado domínio por parte do Sporting. E não queremos acentuar que tal resultou apenas da amputação de uma unidade no Estoril (Nunes abandonou o seu posto e passou para extremo-esquerdo), mas é evidente que essa lesão tornou mais fácil a tarefa leonina.

Na fase de começo, enquanto completo e com forças suficientes, o team das camisolas amarelas funcionou com a regularidade de um pêndulo, muito certinho e preciso, com todas as peças no seu lugar. Se fosse preciso escolher entre todos os concorrentes o team mais perfeito de futebol de conjunto, relegando para plano secundário as individualidades, essa escolha recairia no Estoril. Por isso mesmo no ponto de vista desportivo e de classificação, a cedência de Bravo transformou-se numa pessima operação. Só boa, vista por um lado...

No conjunto de passagens, na colocação dos jogadores, no saber correr para o sítio próprio, o grupo do Estoril conseguiu impressionar toda a gente e justificar a posição em que conseguiu firmar-se. Não se tivessem apresentado vários dos seus homens em condições físicas deficientes e magoados, e o Sporting talvez não tivesse encontrado solução para o problema.

Todavia, apesar do evidente cansaço de alguns jogadores da sua linha da frente, o Sporting produziu uma exibição brilhantíssima, em tudo e por tudo digna daquela célebre linha da realidade do futebol português. Os atacantes, passando a bola para o bom sítio e com rapidez, bailando de posto para posto, com a certeza de movimentos de um corpo de baile, traçaram jogadas mestras, faltando-lhes apenas a serenidade do remate. Gostamos de ver um Peyroteo a dominar excelentemente a bola, a parar e a passar, orientando no bom sentido da palavra, e ainda por cima com força física. E também tivemos a oportunidade de admirar um guarda-redes (Laranjeira) pleno de visão e faculdades, para o qual não é difícil vaticinar um largo futuro.

Ambas as linhas defensivas se comportaram à altura da missão, principalmente na sua estrutura. Não se viram homens, isoladamente, mas sim elementos de uma mesma defesa. Está na nossa consciência ditar uma boa palavra a Alvaro Cardoso, jogador do melhor temperamento que conhece-

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

Redacção e Administração
RUA DA ROSA, 253 - 1.º
Telefone 31187 — LISBOA

Director e Editor:
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção:
TAVARES DA SILVA

Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

mos, o qual ao cabo da carreira ainda desafia a adversidade, a crítica e mais todo o resto...

Dos outros clubes de Lisboa, apenas caiu em Elvas o Atlético. Os elvenses fizeram uma boa partida e acabaram por triunfar, apesar do equilíbrio manifestado na partida e do nivelamento de forças.

Belenenses e Benfica passaram sem dificuldades de maior. A Académica deixou-se abafar logo no começo — porque as coisas saíram-lhe mal; caso contrário o team seria muito poupado em golos! — mas deu ao encontro a animação dos seus contra-ataques. A melhor organização do Belenenses e destreza dos seus elementos ditou o resultado. O Benfica, apesar de ter poupado alguns elementos pondo outros no recângulo, descreveu a seu bel-prazer os desenhos do jogo, falhando mais do que o permitido por lei no capítulo de remate. Guimarães teve brio e defendeu-se com grande apego.

O Porto conseguiu, talvez, o melhor resultado da jornada. O grupo está a afinar-se, desenvolve os seus ataques com eficácia e não se perde na defesa. Pelo contrário, o Olanhense, após a subida contra o Benfica, voltou à curva do abaixamento.

Os desafios Boavista-Lusitano e Braga-Setúbal forneceram lutas admiráveis de energia e entusiasmo (também boas fases, umas que outras vezes). A nota a dar-se é de equilíbrio. O Boavista ganhou com sorte, e isso ainda mais faz sobressair o comportamento do Lusitano, o team que quer, à viva força, ser de alto a baixo um verdadeiro grupo de futebol.

Braga não só resistiu aos setubalenses, como mostrou a disposição em que se encontra. O grupo sabe jogar e tem força moral. Que mais é preciso para ser um adversário terrível. — Nada, assim o julgamos. Os setubalenses empregam-se também em todas as lutas a fundo, embora se lhes note a chamada crise de unidades próprias para determinados lugares.

A jornada do próximo domingo (se houver jogos) é constituída por estes encontros: Guimarães-Estoril, Sporting-Elvas, Atlético-Boavista, Lusitano-Olanhense, Porto-Braga, Setúbal-Belenenses, Académica-Benfica. Ao primeiro relance, há desequilíbrio de forças. Mas os jogos apresentam-se tentadores, dada a possibilidade de surpresas. T. S.

Tabela de pontos

	CASA					FORA					TOTAL				
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.	
Belenenses . . .	16	7	1	—	34-6	5	1	2	16-12	12	2	2	50-18	26	
Sporting	16	7	—	1	37-10	6	—	2	23-14	13	—	3	60-24	26	
Benfica	16	7	—	1	30-8	4	3	1	26-16	11	3	2	56-24	25	
F. C. Porto . . .	16	6	—	1	30-8	6	—	3	26-17	12	—	4	56-25	24	
Estoril	16	8	—	1	45-15	2	3	2	16-17	10	3	3	61-32	23	
Elvas	16	6	—	3	31-17	—	2	5	9-24	6	2	8	40-41	14	
Boavista	16	5	1	3	23-18	1	1	5	7-23	6	2	8	30-41	14	
Lusitano	16	5	1	1	12-11	—	1	8	6-41	5	2	9	18-52	12	
Atlético	16	4	2	2	30-19	1	—	7	17-27	5	2	9	47-46	12	
Olanhense . . .	16	4	3	2	24-16	—	1	6	12-32	4	4	8	36-48	12	
Vitória (G.) . .	16	4	1	3	14-16	—	1	7	7-27	4	2	10	21-43	10	
Vitória (S.) . .	16	3	2	1	13-14	1	—	8	11-30	4	2	10	24-44	10	
Sp. Braga	16	3	2	3	17-17	—	1	7	12-27	3	3	10	29-44	9	
Académica . . .	16	3	1	3	15-22	—	—	9	9-48	3	1	12	24-70	7	

UM NUMERO ESPECIAL

inteiramente dedicado

ao Portugal-Espanha

Stadium publicará uma larga reportagem sobre o Portugal-Espanha, com dados, números, apontamentos, crítica, opiniões, entrevistas e um documentário fotográfico completo.

Mantem-se o mesmo preço, e os pedidos devem ser dirigidos à nossa Administração ou aos nossos Agentes até o dia 20 de Março.

CAMPEONATO NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

Famalicão e Cuf do Barreiro

só contam vitórias nas zonas Norte e Sul

Os resultados:

Famalicão... 2 — U. Coimbra... 1
S. C. Covilhã... 5 — Leixões... 3
«Cuf» Barreiro 1 — Barreirense... 0
Portimonense... 3 — G. D. Beja... 0

Resultados que se «trocam em miúdos» desta maneira:

— Duas vitórias seguidas do Famalicão na zona Norte;

— Duas derrotas, também seguidas, do Leixões;

— Derrotas honrosas do União de Coimbra e do Leixões, fora de casa.

— Mais um triunfo oportuno da «Cuf» do Barreiro, que conseguiu, igualmente, duas vitórias na zona Sul;

— O bom caminho do Portimonense, que empatou primeiro no Barreiro e ganhou agora no seu campo;

— As poucas «chances» que ficam para o Barreirense e Desportivo de Beja.

Já se sabe que vai diminuindo a possibilidade de classificação por parte de alguns grupos. Esta «pouca» é rápida, e algumas equipas começam a encontrar o caminho livre, embora possa contar-se com os «estratagemas» naturais da viagem de resposta...

No lado Norte, o Famalicão conta já 4 pontos, mais dois que os «segundos» — União de Coimbra e Sporting da Covilhã. Parecendo que não, é candeia que vai à frente... e os minhotos, que já estiveram na Divisão superior, preparam-se para novo ingresso no lote dos consagrados. Veremos se assim é ou não.

Deve contar-se, claro, com os «pauzes» de Coimbra e da Covilhã. Perderam os primeiros, em Famalicão, apenas por 2-1, e isso poderá dizer muito...

No Sul, também só um grupo conta vitórias: — Cuf do Barreiro. Mas o Portimonense poderá ainda embargar o passo aos cufistas. O Barreirense, velho pioneiro do futebol na sua terra, conseguiu apenas um ponto em dois jogos, enquanto os adversários locais já obtiveram 4; e 3 o grupo de Portimão.

Parece, portanto, que a luta Cuf-Portimonense deverá aceitar-se como certa. Em síntese: — é muito natural que o Minho ou o Algarve, ou até os dois centros (quem sabe?) vejam na 1.ª Divisão mais um grupo.

Assim — 3 equipas. O que não acontece, por exemplo, com o Porto, segundo sector desportivo nacional...

Estes como alinharam no domingo os grupos concorrentes:

C. U. F. — Veríssimo; Caetano, Lino e Galinheiro; Celestino e Baptista; Graciano, Domitílio, Fernandes, José Luís e Marques.

Barreirense — F. Silva; Reis, Pascoal e C. Silva; Gervásio e Ricardo Vale; Alexandre, João Mácio, Serra, Martins e Cândido.

Árbitro — Libertino Domingues, de Setúbal.

Portimonense — Velhinho; Pintado e Vitória; Vicente, Abilino e Catinano; Pacheco, Jesus, Gilberto, Delano e Paixão.

Desportivo de Beja — Mário; Bentes e José da Pita; Lança, Baptista e Sloga; Sardinha, Apolinário, Ramiro, Marques e Godinho.

Árbitro — Mário Ribeiro Sanches, de Lisboa.

Famalicão — Sansão; Júlio Costa, Armando e Cerqueira; Ferrão e Adélino; Ramiro, Pires, Alvaro Pereira, Sampaio e Pena.

União de Coimbra — Cameirão; Carvalho, Veiga e França; Bernardino e Sanina; Ângelo, Conceição Rodrigues, Gomes, Ermitério e Noronha.

Árbitro — Henrique Borques Leal, de Lisboa.

Leixões — Ferreira; Neto, Caseiro e Jaime; Adão e Paulo; Delfim, Pedro, Costa Pereira, Pedroto e Barbosa.

Sporting da Covilhã — Júlio; Simões, Lopes e Franklin; Szabo e Fialho; Livramento, Roqui, Carlos Ferreira, Fonseca da Silva e José Pedro.

Árbitro — Contento Sousa, de Santarém.

Com vista ao Campeonato do Mundo...

Jogou-se mais um Norte-Sul

QUASE selecção nacional — a equipa de oquei em patins do Sul voltou a defrontar a do Norte; e o que se presenciou foi desolador, no que respeita às indicações de possibilidades da turma lusitana, com vista aos próximos campeonatos do Mundo e da Europa, a disputar de 25 a 29 do corrente em Montreux. Qual será, em face do que se viu fazer aos consagrados, pior ainda, do que se não viu fazer, o grupo que vai representar Portugal nos torneios da Suíça? Responda quem pode... Mas a verdade é que, em sua maioria, os campeões do Mundo denotaram visivelmente falta de poder de realização e de velocidade — características essas que constituíram o maior aliciente para a conquista do precioso título em Maio de 1947.

Ainda não passou um ano (e a actividade nacional foi permanente e satisfatória!) para que os componentes da turma campeã perdessem facultades. Apece, porém, perguntar: — Não teria havido provas a mais? Note-se ainda que, além do campeonato regional, fatigante por extenso, de torneios particulares e outras provas semi-oficiais, os componentes da equipa de Portugal disputaram, desde Maio de 1947, sete encontros: três contra o Norte, e um, cada, respectivamente, contra Antuérpia, Barcelona, Bélgica e Espanha. Não será isto «forçar a nota»? Por isso é perfeitamente natural o cansaço verificado agora.

Em suma: a equipa nacional apresenta sintomas evidentes de enfraquecimento; e a nossa vez não deveria ter sido submetida a

tão duras provas como foi. Era necessário e de aconselhar um repouso. Mas o campeonato está à porta... Exigir dos jogadores tudo por tudo (e eles são capazes de corresponder ao pedido) é exigir realmente muito; mas não há meio-termo no pé em que as coisas estão! Nem sinais de alarme nem mostras de desânimo: o que se torna necessário é dar todo o apoio aos óquistas que forem a Montreux; e eles não-de-reconhecer certamente, que a tarefa, por ingrata, talvez seja mais honrosa ainda. Confie-se no brio desportivo dos campeões do Mundo... até Montreux. Para longe, pois, quaisquer veleidades de derrotismo — e coragem e fé: é meio caminho andado!

O jogo de sábado no Pavilhão dos Desportos deu indicações seguras. A equipa do Norte apresentou-se com firmeza e mais categoria do que a do Sul. Dois homens se notabilizaram para a candidatura: Ribeiro e Soares. E pelo Sul foi Emídio — que já devia ter sido chamado à efectividade na turma nacional. Os restantes (referimo-nos, aos «quase indispensáveis») estiveram abaixo do que realmente valem: principalmente Sidónio e Jesus Correia.

A equipa de Lisboa — Sul (tem estas circunstâncias...) disputou o seu 13.º desafio; e, tal como sucedeu com o grupo nacional, que ao cabo de 12 jogos com vitória foi perder a Madrid, também a turma lisboense — «súdista» não teve sorte com o n.º 13. Há realmente coincidências bastante curiosas!...

Jorge Monteiro

A «graça» da semana



— Houve lá, óh Policarpo? Se nós, portugueses, tivéssemos a felicidade de ganhar em Espanha, o que é que nos podia acontecer?... Era o único maneira de não ir no próximo ano para o «bicho» para te arranjar bilhete...

ALBUM DOS JOGADORES

Em separate publicamos hoje

VÍTOR GUILHAR e ROGÉRIO CONTREIRAS

Diamantino AGRANDE novidade do FUTEBOL PORTUGUÊS



NO último defeso da «bola» apareceu em Braga um jogador de quem diziam maravilhas... Estavam, ainda, na memória de todos, as recentes exhibições dos «artistas» do S. Lorenzo de Almagro e, ao que se falava, o novo jogador, dotado de uma habilidade excepcional, possuía as características dos afinados malabaristas argentinos. Houve, como acontece sempre, quem duvidasse de tantas virtudes futebolísticas e a dúvida era tanto mais acentuada, em face da pequenez do «rapaz». Foi preciso, por isso, que se fizesse treino «baptismal» para que os mais duvidosos se certificassem das suas reais possibilidades.

«Veni, vidi, vici», poderia, então, ter dito Diamantino de Assunção, hoje interior-esquerdo do Sporting de Braga e um dos jogadores da prova máxima do desporto português que mais tem dado nas vistas...

Diamantino, um jogador débil e franzino (rimou mas é verdade) é indiscutivelmente um virtuoso da bola. Fintas desconcertantes «driblings» primorosos, passes cortos, virtudes estas aliadas a uma vontade de ferro, são elementos capacíssimos de fazer deste pequeno «moço» um jogador a grande altura. E para tanto, bastará esclarecer que ingressou num clube da Divisão Maior, tendo feito nas duas últimas épocas de futebol, apenas jogos dos Campeonatos Corporativos, o que equivale a dizer que fazia parte de um grupo não filiado em qualquer Associação.

Tivemos, por tudo isto, especial curiosidade em ouvir Diamantino, proporcionando-lhe ao mesmo tempo uma oportunidade de, através da nossa Revista, o tornar mais conhecido e admirado.

Não foi difícil obter do simpático praticante do futebol a desejada entrevista, e foi com a maior naturalidade e satisfação que ele começou:

— Já sabe que me chamo Diamantino de Assunção. Nasci em Lisboa (Ajuda) no dia 1 de Setembro de 1926. Estou portanto na casa dos 22 anos.

— Quando, como e onde começou a jogar à bola?

— O meu passado futebolístico é curto e de pouca história. A jogar de verdade... pode dizer-se que comecei esta temporada no meu clube. Tinha 13 anos quando dei os primeiros pontapés nos infantis do Belenenses sob a orientação de Scopelli. Todavia foi pouco duradoura a minha permanência no clube de Belem. De então para cá, aparte uma época em que assinei a ficha pelo Clube Operário de Lisboa, tenho disputado apenas alguns campeonatos da F. N. A. T.

— E não o impressionou tão grande salto...

— Acredite que não. Quando me falaram para ingressar no



Diamantino, acutilante, ágil e elástico, é sempre uma ameaça para os guardaredes e para qualquer defesa — que o teme...

DIAMANTINO DA ASSUNÇÃO

Sporting de Braga, aceitei imediatamente. Confiava em mim próprio e sabia perfeitamente que os «pés» que nos campeonatos particulares faziam da bola o que eu desejava, não se negariam a idêntico trabalho se, sobre o meu corpo, estivesse a camisola de um clube da Primeira Divisão do Nacional, em vez da que normalmente «vinha envergando».

— Quem o «descobriu» em Lisboa...

— O meu actual companheiro de equipa, Frederico, sabia da minha existência... Fez a natural comunicação aos Directores do meu clube, que imediatamente se puseram em comunicação comigo. As

conversas de sempre... e eis-me em Braga.

— Está satisfeito na capital do Minho?
— Satisfeitíssimo. O público bracarense acarinha-me muito, o mesmo acontecendo com os directores e companheiros de equipa. Creia que me sinto bem em Braga; como se daqui fosse...

Diamantino fala com uma clareza e desassombro que nos dão a impressão evidente de quão sentidas são as suas afirmações.

— Qual será a classificação final do seu clube no torneio máximo?

— Temos sido pouco afortunados, mas é conveniente ter em consideração que já fizemos «fora de casa» os jogos mais difíceis. Nesta segunda volta recebemos em casa a maioria dos clubes de mais baixa classificação, o que equivale a dizer que... devem ser outras tantas vitórias. A nossa posição deve, por isso, melhorar bastante, enquanto outras equipas melhor classificadas, actualmente, têm um futuro muito mais sombrio...

— Qual é o guarda-redes que mais admira?

— Azevedo, disse prontamente.

— Aprecia algum treinador em particular?

— Admiro Alberto Augusto, entre os treinadores portugueses e Scopelli do lote dos estrangeiros.

— Já pensou alguma vez na sua «internacionalização»?

— Gostaria imenso de servir o futebol nacional envergando a camisola das «quinas». Trabalho com afinco para um maior aperfeiçoamento técnico-atlético. O resto virá mais tarde...

— Que diz da última selecção do Norte?

— Gostaria de dizer muito, mas para o fazer poderia ser mal compreendido, pelo que prefiro o silêncio... Não lhe parece?

Concordamos absolutamente com o nosso entrevistado e para pôr «ponto final» à nossa conversa fizemos a última pergunta:

— Pratica outras modalidades desportivas?

— Fiz atletismo no Belenenses. Gosto dos saltos em altura. Se o meu clube organizasse a respectiva secção e o meu treinador o permitisse seria o primeiro a inscrever-me.

Eis o que nos disse Diamantino. As suas declarações são claras e, não só pelo que nos disse, mas muito mais pelas provas excelentes já prestadas ao serviço do simpático clube de Braga, temos de concluir que o nosso entrevistado de hoje, um grande jogador da «bola», é a grande novidade do futebol português.



O jogador troca impressões com o nosso dedicado colaborador, Benigno da Cruz

Bonigno da Cruz

SALVADOR — O «cérebro» do ataque

Olhanense . . .

. . . está declaradamente ao lado dos que defendem o profissionalismo no futebol

VOLTA a ser um caso falado, tal como no ano em que mereceu a honra de jogar contra os ingleses da RAF, a magnífica forma em que se encontra o habilíssimo interior-esquerdo do S. C. Olhanense, Salvador.

Fino como um coral, prodigioso de rapidez e de velocidade sobre a bola, dotado de rara intuição para «driblar» e visar, com fintas desconcertantes o médio que tope pela frente, Salvador volta a subir com firmeza, embora sem pressas, a escadaria que conduz ao Capitólio da Fama. Temo-lo visto actuar na época presente, e ainda lhe não topamos uma exibição menos característica. E isto parece que quer dizer muito. Pelo menos, que não é a circunstância de ser o médio contrário de classe inferior que faz elevar a sua. Reforça a nossa tese, o facto concludente do nosso entrevistado de hoje ter já entrado em luta aberta, no Campeonato Nacional em curso, com as melhores formações médias, e não ter deixado, ainda, de ser o grande orientador da linha atacante do seu clube.

A reportagem impunha-se, portanto. Até porque Salvador é uma figura simpática e amável, com quem apetece conversar.

Encontrámo-lo na sede do seu clube, rodeado de amigos e de admiradores, a uma mesa do «bar», entre chávanes de fumegante café. Dissemos-lhe o que pretendíamos, e não foi difícil «arrancá-lo» dali, para o sossego do gabinete da Direcção, longe de ouvidos indiscretos.

A primeira pergunta é da praxe. Não a repetiremos aqui. Damos, apenas, a sua resposta, que veio rápida:

— Tenho 26 anos, quase 27, pois nasci a 31 de Março de 1921, em Portimão. O meu nome completo, já que o quer, aí o tem; Salvador do Carmo Santos.

E a inquirição prosseguiu.

— Onde comecei? Num clube da minha terra, que acabou, precisamente no ano em que ingressei nele, quando ia a caminho dos catorze anos. Era o Juventude, e não cheguei a fazer mais do que 3 ou 4 jogos, talvez. Passei, depois, para o Boa Esperança Atlético Clube Portimonense, em cujas fileiras me conservei durante 5 anos, a alinhar, alternadamente, na Reserva e na categoria principal.

— Foi de lá que transitou para o Olhanense?

— Não, senhor! Antes disso, fiz duas épocas no Chelas Futebol Clube, onde cheguei a formar asa com o Rogério de Carvalho. Depois, é que ingressei no meu actual clube...

E, prosseguindo:

— ... Onde espero acabar a minha carreira, pois sinto-me muitíssimo bem a defender um clube da minha província.

— E depois dele?...

— Depois dele... o Benfica. A



projecção e popularidade dos «encarnados», fazem com que eu seja um incondicional admirador da obra que o Benfica tem produzido dentro do Desporto.

Quisemos saber, depois, quais os nomes que Salvador mais admira, no futebol. A resposta foi rápida, numa demonstração clara de que os colegas que cita lhe merecem, de há muito, o apreço que indica:

— Dos «antigos», nutri verdadeira admiração por Alberto Gomes e Pinga. Dos modernos, devo destacar, embora de todos me considere amigo e camarada leal, os nomes de Rogério de Carvalho e de Azevedo. São dois grandes jogadores!

O nome de Azevedo desperta-nos uma pergunta:

— Qual é o guarda-redes que mais gosta de bater?

Salvador tem um sorriso:

— Todos! O meu único interesse é que as bolas toquem nas malhas, que cheguem ao «viveiro». Esteja quem estiver na guarda da baliza, sinto sempre grande alegria quando consigo o meu intento...

E como gosta mais de rematar?

— De forma a conseguir golo... com preparação ou sem preparação, deixando bater a bola no solo ou não, com o pé direito ou com o esquerdo, de qualquer forma, enfim, gosto de rematar. O essencial é que marque tentos.

— Faz mais desportos, além do futebol?

— No verão, nada bastante.

— Qual é a mais agradável recordação da sua carreira?

— Um desafio que o Olhanense disputou contra o Vitória de Setúbal, em Olhão. Era no tempo em que a Taça de Portugal se disputava em

duas «mãos». Os jogos pertenciam à meia-final, e na 1.ª «mão» tínhamos perdido por 2-0. Precísávamos, portanto de melhor «score», e conseguimos-lo, com três golos que eu marquei, sem que os setubalenses «respondessem».

— E a final?

— Essa... é a pior recordação que conservo! Jogámo-la em Lisboa, contra o Sporting, e embora merecéssemos ganhar, perdemos por 1-0.

— Todo o jogador de futebol tem ambições. Quais são as suas, Salvador?

Um trejeito de indiferença, de mistura com um encolher de ombros, e a resposta pronta:

— Gostei de jogar contra os ingleses da RAF... Chamaram-me a duas selecções, no mesmo ano desse jogo, em 1946, contra a França e contra a Irlanda. Contudo, não joguei. Fui apenas suplente. Parece-me, portanto, que não devo ter ambições. Já as tive, já! Agora, não! Sinto-me actualmente em boa forma. Tão boa, talvez, como naquele ano. Se fôr necessário ir a qualquer selecção, e ser «internacional», irei. Se não fôr... paciência!

Olhámos o relógio. Eram cerca de duas horas. Aproximava-se o momento do nosso companheiro se dirigir ao campo do seu clube, onde dentro de pouco voltaria a ser o alvo de carinhosa atenção do público olhanense, desse público que vê em Salvador — e tivemos ocasião de reparar que fundamentalmente — o fulcro da equipa. Decidimo-nos, portanto, a fazer somente mais uma pergunta.

— Entre amadorismo e profissionalismo, qual é a sua opinião?

— Acho que o profissionalismo resolve muita coisa duvidosa do futebol português. Esta, por exemplo: o jogador que recolha do futebol o suficiente para se lhe dedicar inteiramente, adquirirá com certeza, um grau de aperfeiçoamento a que não poderá chegar presentemente. Se o jogador fôr profissional pode, melhor, dar ao seu clube o que este precisa e merece em esforço e dedicação. E digo dedicação, porque me parece que esta não é incompatível com a ideia da paga. Eu posso, se não fôr futebolista, ser empregado numa empresa ou dum indivíduo a quem sirva dedicadamente, exactamente porque ele me paga o que lhe peço, sem que no entanto me assalte a ideia de o abandonar, apenas porque outro me oferece mais. O que não poderei, necessariamente, é ser-lhe afeiçoado se ele me pagar por tal forma que eu tenha que noutra lado empregar as minhas horas vagas, para viver.

E concretizando:

— A ideia pode estar mal posta. Mas no fundo, se me não tiver percebido, o que eu quero dizer é isto: ao que o profissionalismo é necessário ao futebol português. E que se pode ser profissional e jogar num clube por amor ao mesmo.

E com esta desassomburada declaração de Salvador, demos por terminada a reportagem.

Rosa de Matos

NOTAS À MARGEM

do Campeonato Mundial de Oquei

XI — Treze torneios num relance

COM a prova de 1947, no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, foram treze os campeões do Europa de Oquei em patins que se disputaram. E o terceiro campeonato do Mundo — correspondentes, os dois primeiros, às competições de 1936, em Estagarda, na Alemanha, e de 1939, em Montreux, na Suíça. Somente quatro equipas — Bélgica, França, Inglaterra e Suíça — tomaram parte em todos os torneios. Vêm a seguir: Alemanha — com 12 (faltou em 1947); Itália — com 11 (faltou em 1930 e 32); Portugal — com 8 (desde 1930 e falta em 1934); e Espanha — com um; estreia no ditimo.

As classificações foram as seguintes:

I — Em 1926 (Herne-Bay) — 1.º Inglaterra; 2.º França; 3.º Alemanha; 4.º Suíça; 5.º Bélgica; 6.º Itália.

II — Em 1927 (Montreux) — 1.º Inglaterra; 2.º França; 3.º Suíça; 4.º Alemanha; 5.º Itália; 6.º Bélgica.

III — Em 1928 (Herne Bay) — 1.º Inglaterra; 2.º França; 3.º Alemanha; 4.º Suíça; 5.º Bélgica; 6.º Itália.

IV — Em 1929 (Montreux) — 1.º Inglaterra; 2.º Itália; 3.º França; 4.º Alemanha; 5.º Suíça; 6.º Bélgica.

V — Em 1930 (Herne Bay) — 1.º Inglaterra; 2.º França; 3.º Alemanha; 4.º Suíça; 5.º Portugal; 6.º Bélgica.

VI — Em 1931 (Montreux) — 1.º Inglaterra; 2.º França; 3.º Suíça; 4.º Itália; 5.º Alemanha; 6.º Portugal; 7.º Bélgica.

VII — Em 1932 (Herne-Bay) — 1.º Inglaterra; 2.º Alemanha; 3.º França; 4.º Portugal; 5.º Suíça; 6.º Bélgica.

VIII — Em 1934 (Herne-Bay) — 1.º Inglaterra; 2.º Alemanha; 3.º Suíça; 4.º Itália; 5.º Bélgica; 6.º França.

IX — Em 1936 (Estagarda) — 1.º Inglaterra; 2.º Itália; 3.º Portugal; 4.º Suíça; 5.º Alemanha; 6.º França; 7.º Bélgica.

X — Em 1937 (Herne-Bay) — 1.º Inglaterra; 2.º Suíça; 3.º Portugal; 4.º Itália; 5.º Bélgica; 6.º Alemanha; 7.º França.

XI — Em 1938 (Antuérpia) — 1.º Inglaterra; 2.º Itália; 3.º Bél-

gica; 4.º Portugal; 5.º Alemanha; 6.º Suíça; 7.º França.

XII — Em 1939 (Montreux) — 1.º Inglaterra; 2.º Itália; 3.º Portugal; 4.º Bélgica; 5.º França; 6.º Alemanha; 7.º Suíça.

XIII — Em 1947 (Lisboa) — 1.º Portugal; 2.º Bélgica; 3.º Espanha; 4.º Itália; 5.º Inglaterra; 6.º França; 7.º Suíça.

Na totalidade — e por nação — os números cifram-se assim:

	J.	V.	E.	D.	Golos	P.
Inglaterra ..	71	64	4	5	391-90	132
França	71	28	8	35	217-216	64
Itália	61	25	11	25	152-184	61
Suíça	71	22	15	34	168-224	59
Alemanha ..	65	24	9	32	177-201	57
Portugal	46	22	8	19	92-104	49
Bélgica	71	14	8	52	110-228	35
Espanha	6	3	1	2	15-14	7
	462	202	58	202		1515

Eis, agora, os três resultados mais volúmosos em cada torneio: 1926 — Da Inglaterra: à Itália, 14-0 (recorde); à Bélgica, 13-0; à Suíça, 8-0.

1927 — Inglaterra-Bélgica, 13 0 (repetição); Alemanha-Itália, 9-0; e Suíça-Bélgica, 8 0.

1928 — Da Inglaterra: à Bélgica, 9-1; à Alemanha, 8-1; e à Suíça, 7-1.

1929 — França-Bélgica, 9-0; Suíça-Bélgica, 9-1; Inglaterra-Alemanha, 7-1.

1930 — Da Inglaterra à Bélgica e à França (ambos por 6-0); e Alemanha-Portugal, 5-0.

1931 — Da Inglaterra: à Suíça, 11-1; à Bélgica, 10-0; e à Alemanha, 10-1.

1932 — Inglaterra-Bélgica, 14-0 (recorde igualado); França-Portugal, 10-1; França e Alemanha à Bélgica, 8-2.

1934 — Inglaterra-Itália, 11-1; Itália-Suíça, 7-0; Inglaterra-Bélgica, 5-0.

1936 — Da Inglaterra: a Portugal, 6-0; à Bélgica, 5-0; e à Alemanha, 4-0; Alemanha-Bélgica, 4-0.

1937 — Da Inglaterra: à Suíça, 10-2; à França, 9-1; à Bélgica, 6 1.

1938 — Da Inglaterra: à Alemanha, 6-0; e à Suíça, 6-1; Portugal-França, 5-0.

1939 — Inglaterra-França e Itália-Suíça, 8-1; Alemanha-França, Itália-Alemanha e Itália-França, 6-1.

1937 — Portugal-França, 7-1;

e da Bélgica à Inglaterra (primeira derrota oficial dos britânicos) e à Suíça, 6 0.

Repare-se na enorme quantidade de melhores resultados (23) dos britânicos, e, na inversão, dos belgas: com quinze citações — nove das quais contra a Inglaterra! Mas os simpáticos belgas vingaram-se estrondosamente dos ingleses no Pavilhão do Parque Edoardo VII...

Registrar-se 29 empates (o maior número, quatro em 1938, no torneio de Antuérpia) apenas com isenção em 1932, em Herne-Bay, na Inglaterra. Foram:

0-0 (4) — Alemanha-Bélgica (1930) Bélgica-Itália (34), Itália-Suíça (38) e Portugal-Suíça (39).

1-1 (10) — Alemanha-Suíça (1926), Itália-Suíça (28), França-Itália (29), Alemanha-França e Portugal-Suíça (30), Portugal-Itália (31) Inglaterra-Itália (36), Portugal-Suíça (37), Portugal-França (39) e Bélgica-Espanha (47).

2-2 (8) — França-Inglaterra e Alemanha-França (1926), Alemanha-Suíça (28), Inglaterra-Suíça (29), França-Suíça e Suíça-Itália (31) Itália-Suíça (37) e Alemanha-Itália (38).

3-3 (5) — França-Suíça (1927), Alemanha-França e Itália-Suíça (36), Alemanha-Bélgica e Inglaterra-Itália (38).

4-4 (2) — Alemanha-Suíça (1929) e Bélgica-Suíça (39).

Note-se que a Suíça (15) e a Itália (11) são as nações com maior número de partidas iguais; mas simplesmente os helvéticos ligaram em todas as marcas... porque os italianos falharam na ditima.

Quanto a triunfos pela diferença mínima (59 — quase o dobro dos empates; e o maior número, vinte, por 2-1) verificaram-se os seguintes:

1-0 (7) — França-Bélgica (1930); Alemanha-Suíça (32), Inglaterra-França (36), Portugal-Bélgica (37), Itália-Bélgica (38), França-Bélgica (39) e Espanha-Itália (47).

2-1 (20) — Suíça-Bélgica (1926); Inglaterra-França (27), Suíça-Bélgica (28), Itália-Bélgica (29), França-Portugal (30), Portugal-Bélgica e Inglaterra-Itália (31), Inglaterra-Suíça (34), Portugal-Alemanha, Itália-França e França-Bélgica (36), Suíça-Bélgica (37), Portugal-Suíça e Inglaterra-França (38), Portugal-Alemanha, Bélgica-Itália, Portugal-Bélgica e Bélgica-Alemanha (39), Espanha-Suíça e Portugal-Espanha (47).

3-2 (17) — França-Suíça (1928), França-Itália (28), Itália-Alemanha (31), Alemanha-Portugal (32), Alemanha-Bélgica e Suíça-França (34), Itália-Alemanha e Itália-Portugal (36), Bélgica-Alemanha, Inglaterra-Itália, Itália-França e Bélgica-França (37),

Bélgica-Portugal e Suíça-Alemanha (38), Inglaterra-França, Espanha-França e Portugal-Itália (47).

4-3 (11) — França-Bélgica e Alemanha-Itália (1928) Alemanha-França e Alemanha-Bélgica (29), Itália-Alemanha, Suíça-Alemanha e Itália-Portugal (37), Itália-Bélgica, França-Suíça, Itália-Inglaterra e Espanha-Itália (47).

5 4 (2) — Itália-Alemanha (1929) e Inglaterra-Suíça (32).

6 5 (1) — França-Suíça (1939).

7-6 (1) — Alemanha-França (1937).

No que respeita a vitórias, sem golos de resposta — abstraindo as que se mencionaram (de 1-0) pela diferença mínima — registam-se:

2-0 (8) — Alemanha-Bélgica (1928), Inglaterra-Bélgica (29), Suíça-Alemanha (34), Portugal-Suíça, Suíça-Alemanha e Portugal-Bélgica (36), Portugal-França (37) e Inglaterra-Alemanha (39).

3 0 (7) — Itália-Bélgica (1927), Alemanha-Suíça (30), Inglaterra-França (54), Portugal-França (36), Inglaterra-Portugal (38 e 39) e Portugal-Inglaterra (47).

4 0 (9) — França-Suíça (1926), Suíça-Itália, Bélgica-Alemanha (27) Suíça-Portugal e Inglaterra-Portugal (31), Alemanha-Bélgica, Itália-Bélgica e Inglaterra-Alemanha (36) e Bélgica-França (38).

5-0 (6) — França-Alemanha (1928), Alemanha-Portugal (30) Suíça-Bélgica (31), Inglaterra-Bélgica (34 e 36) e Portugal-França (38).

6 0 (6) — França-Suíça (1929), Inglaterra-Bélgica e Inglaterra-França (30), Inglaterra-Portugal (36), Inglaterra-Alemanha (38), Bélgica-Inglaterra e Bélgica-Suíça (47).

7-0 (3) — Suíça-Itália (1926), Inglaterra-Suíça (27) e Itália-Suíça (34).

8-0 (2) — Inglaterra-Suíça (1926) e Suíça-Bélgica (27).

9-0 (2) — Alemanha-Itália (1927) e França-Bélgica (29).

10-0 (1) — Inglaterra-Bélgica (1931).

13-0 (2) — Inglaterra-Bélgica (1926-27).

14-0 (2) — Inglaterra-Itália (1920) e Inglaterra-Bélgica (22).

Destes 49 triunfos sem golo de resposta, a maior quantidade pertence, como aliás em tudo à equipa britânica! Vem, seguidamente, a Suíça, e depois, em igualdade, Alemanha e Portugal, ambos com seis.

Aqui está, resumidamente, tudo quanto fornece de mais interesse a actividade das oito nações concorrentes aos campeonatos mundiais e europeus de Oquei em patins.

Jorge Monteiro

A seguir: XII — E agora até Montreux!

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 > >	65\$00
12 > >	130\$00

Stadium

MADRID

PORTUGAL-ESPANHA

Partida no «Lusitania Expresso» em 1.ª classe em 17 de Março e regresso em 24
Bilhete de Bancada, alojamento e transporte garantido e para um grupo de 25 viajantes o máximo

Programas na AGENCE FRANCE EXPRESS

Travessa do Cotovelo, 37 — Telefone 27519 — LISBOA

O PORTO DESTACA-SE EM ANEBOL E OQUEI EM PATINS



ANEBOL: 1 — A Seleção do Norte que venceu por 11-8 a de Lisboa; 2 — A Seleção do Sul; 3 — Nascimento, o ponta-direita, no momento de marcar o 1.º golo para Lisboa



OQUEI EM PATINS: 1 — Os dois grupos, do Norte e do Sul, em conjunto; 2 e 3 — Duas animadas fases do encontro que constituíu um êxito para a equipa do Norte

TAÇA "COSME DAMIÃO"



Belenenses-Sport Lisboa e Olivais — Uma defesa do guarda-redes do Olivais

VÁRIOS ACONTECIMENTOS DESPORTIVOS



Os concorrentes ao torneio de atletismo em pista coberta, organizado pelo Instituto Superior Técnico

CAMPEONATO DE JUNIORES



Sporting-Cascalheira — Fase movimentada do encontro que os pequenos leões venceram...

RAGUEBI



Agronomia-Belenenses — Um trecho do jogo em que a Agronomia dominou intensamente (35-3)



ESGRIMA

Um grupo de concorrentes ao torneio de esgrima, levado a cabo pelo Lisboa Ginásio Clube para disputa da Taça «Gonçalves Mendes»



Dois grupos de futebol que disputaram no passado domingo um desafio amigável, que decorreu com animação



Em avião saiu ontem do México o matador de touros português Manuel dos Santos que ali obteve êxitos ao lado de toureiros como «Armillita» e Procuna que com ele se veem nesta fotografia. Manuel dos Santos, restabelecido da colhida ali sofrida, toma alternativa no Domingo de Páscoa, em Sevilha, das mãos de «Gitanillo de Triana»

no Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

Há resposta para tudo...

P. 570 — Haverá extremo-esquerdo melhor que Albano? Por que razão é substituído por Travassos? Será simpatia ou por sorte? (De A. M., Um grande desportista).

R. 570 — Albano é o único extremo-esquerdo conhecido, mas talvez não alinhado, pelo que nos dizem. Tal, a verificar-se, significa que os 2 Responsáveis não o sentem à altura da função que o seu Plano exige, e de aí a utilização de Travassos, numa solução de certo modo lógica, elemento excepcionalmente dextro. Mas valerá a pena retirar Travassos do posto de interior? Como vê, a melhor forma de responder é ainda fazer outra pergunta!

P. 571 — Em que ano, para que campeonato e quais as linhas dos grupos do Belenenses e Benfica, que se defrontaram nas Salésias, em que o Belenenses venceu o adversário, salvo erro, por onze bolas a zero.

Por desconhecer o resultado certo a que chegou este desafio, e porque quero apostar, dou-lhe esta massada. (De A. A., de Luanda, «Um belenense do Penedo»).

R. 571 — Que sabemos, o Belenenses nunca fez o resultado que cita, e não sabemos a que desafio se refere. A maior deferência entre os dois clubes anda na meia dúzia de bolas.

P. 572 — Que é feito de Francisco Nelo e Galvão, respectivamente, meia-direita e defesa, antigos jogadores do Benfica? (De Jerry — Madeira).

R. 572 — Nelo está em Fafe; Galvão em África.

P. 573 — Tive uma teima com um amigo, porque ele diz que o Benfica se ficasse em 5.º ou 6.º lugar no Campeonato de Lisboa de 1945-46 iria para a segunda divisão.

Tentei convencê-lo que o Campeonato de Lisboa não qualificava, mas sim no Nacional é que o último e penúltimo iriam a jogos de passagem. Qual de nós tem razão e qual o motivo? (De Jerry — Madeira).

R. 573 — O Regional não qualificava. A Primeira Divisão do Campeonato Nacional já estava constituída. O último da Primeira Divisão desce automaticamente. O penúltimo discute a saída, em

O estágio na Venda do Pinheiro

DESDE quarta-feira passada que se encontram estagiando, na Venda do Pinheiro, os internacionais do futebol português com vista ao Espanha-Portugal que se disputa a 21 de Março próximo no Estádio Castellana. Dos dezassete jogadores seleccionados, somente três se devem ter juntado esta semana aos seus companheiros: Vasco, que se consorciou há dias, Vasques e Caiado, por dificuldades de licença.

Os elementos escolhidos pelos srs. dr. Virgílio Paula e Martinho de Oliveira são os seguintes:

Guarda-redes — Barrigana e Sério.

Defesas — Vasco, Feliciano e Felix.

Médios — Moreira, F. Ferreira, Serafim, Joaquim e Alberto.

Avançados — Jesus Correia, Araújo, Julinho, Vasques, Travassos, Caiado e Albano.

A vida em estágio tem decorrido com tranquilidade, sendo excelente o convívio entre os jogadores e óptima a sua disposição. De manhã, passeios a pé pelos pinheiros, e logo sessões de basquete e volei, havendo à tarde, mais ou menos, os mesmos exercícios. Há a notar a falta de ginástica.

O treinador Scopelli tem acompanhado sempre os jogadores, transformando-se no seu verdadeiro guia. O dr. Virgílio Paula, normalmente, janta com os rapazes e fica no estágio.

O sítio escolhido na Venda do Pinheiro reúne, na verdade, excelentes condições. Pode dizer-se que, devido ao cuidado e dedicação do sr. António Nogueira Leite, que tem a responsabilidade administrativa do estágio, nada falta e os jogadores sentem solicitude e carinho à sua volta. A população da terra, já habituada à presença dos internacionais, também os trata com simpatia.

Hoje, no Estádio Nacional, realiza-se mais um treino que supomos de retoque e apuramento de jogo. Por enquanto, nada foi dito oficialmente sobre a linha definitiva, mas tudo leva a crer que terá a seguinte constituição:

Barrigana.

Vasco — Feliciano — Serafim.

Moreira — Francisco Ferreira.

J. Correia — Araújo — Júlio — Vasques — Travassos.

A equipa nacional segue para Madrid no dia 19, ante-véspera do encontro, no Lusitania-Expresso.

O desafio será dirigido pelo árbitro Evans, um dos três nomes indicados pela Federação Inglesa, servindo de juizes de linha um árbitro espanhol e um português, o qual ainda não foi designado.

CORRE QUE...

Sempre se tem como certa a deslocação do trio BSB ao Brasil, em Agosto próximo, afim de participar nas grandes festas levadas a cabo no Rio de Janeiro pelo Vasco da Gama, o clube de raiz portuguesa.

♦ Toda a organização da excursão ao Brasil está delimitada.

jogo de passagem, com o 2.º classificado da Segunda Divisão.

P. 574 — Pode informar-me do nome completo dos componentes da equipa do Benfica que defrontou o Glasgow Rangers? (De Maria Paula de Almeida, de Santarém).

R. 574 — Henrique Pinto Machado; Felix Assunção Antunes, Joaquim Fernandes da Silva; Jacinto Carmo Marques, Francisco Moreira, Francisco Ferreira; Alfredo Gourgel Melão, Arsénio Trindade Duarte, Júlio Correia da Silva, Eduardo José Corona e Vitor Baptista da Costa.

♦ O Benfica dirigiu-se ao Bonavista, tratando da aquisição de dois elementos: Serafim e Caiado.

♦ Um «team» belga universitário, de verdadeira categoria, deve jogar em Coimbra por alturas da Queima das Fitas, sendo a visita retribuída pela Associação Académica no começo da próxima época.

♦ O «team» do Atlético ficará, por enquanto, sob a orientação de Carlos Canuto e cap. Alcino Pires.

♦ Há uma acentuada desinteligência entre o Benfica e Rogério. Este exige, para assinar a ficha, a conselho de seu tio, diz-se, 60 contos e um emprego de 3 contos mensais. Acreditamos que Rogério faça um abatimento...

♦ É possível que um conhecido treinador português preste serviços na próxima temporada em Espanha.

♦ Houve ultimamente uma questão que ameaçou o poderio de um conhecido dirigente.

Ecoss...

Afinal, o homem sempre veio. Um pouco «brasileirado» — seis meses teriam chegado para tanto? — mas veio...

♦ Mais uma vez o amor de Patalino à terra que o viu nascer, e sobrepôs a um lentador consite para atravessar a próxima fronteira do Ceia. Não há dúvida nenhuma de que o habilidoso avançado centro elvense está a tornar-se um caso raro, em época tão materialista como a nossa. E que belo exemplo de clubismo ele está dando, sem «barulhos», a outros que o afirmam, aos quatro ventos, sem razão...

♦ Duarte, o pequeno e habilidoso interior esquerdo belenense, cuja biografia foi dada ao público, em primeira mão, pela nossa Revista, está a afirmar-se, de jogo para jogo, como óptimo elemento para a sua equipa. Felicitamo-lo pelo progresso que demonstra, ao tempo que formulamos votos para que lhe não sejam prejudiciais os «incensos» prestados...

♦ Causou interesse — segundo temos podido verificar — a iniciativa dum nosso colega, de proporcionar ao público da bola o conhecimento das Leis que regem o seu desporto favorito. Achamo-la absolutamente oportuna. O que gostaríamos era que, paralelamente, os clubes procurassem que os seus jogadores as conhecessem também.

♦ Duas propostas e ambas vantajosas, o que de certo modo pode traduzir o reconhecimento de qualidades para o desempenho de tão difícil cargo, foram feitas a Alfredo Valadas, o antigo «internacional», para orientar a preparação técnica de equipas necessitadas de reafirmarem antigo prestígio e consolidarem posições no Nacional da 1.ª Divisão. Sabemos, entretanto, que o conhecido desportista, não aceitará qualquer delas, dada a sua situação profissional, embora os consites fossem para situações de emergência.

♦ Embora ainda se não preveja em que desafio, António Maria — que já começou a treinar — reaparecerá na presente época.

♦ Os meios desportivos ficaram impressionados com a decisão tomada pelo dr. Alberto Gomes de voltar a alinhar na sua antiga equipa, a Académica de Coimbra. A atitude do valioso «interior» tem sido comentada elogiosamente.

♦ Há mais um nome a juntar aos dos futebolistas que no início da próxima época se despedirão. Trata-se de Azevedo, cuja inclusão na equipa que irá a Madrid, era lida pelos seus admiradores como certa. Uma espécie de «canto do cisne»...

Após quase quinze anos os nossos "melhores" vão encontrar-se pela segunda vez, com os brasileiros

A PROVEITANDO a vinda à Europa da equipa brasileira que jogará, brevemente, contra a da Checoslováquia para disputa da «Taça Davis», a Federação Portuguesa de Lawn Tennis vai promover, dentro de alguns dias, um torneio em que tomarão parte os jogadores daquela e da nossa equipa representativa.

Pouco sabemos do valor dos actuais tenistas campeões do Brasil; mas esse pouco é bastante para bem podermos aquilatar da sua boa categoria. Por isso folgamos em poder vê-los, em Lisboa, cremos que no Pavilhão dos Desportos.

Entretanto, enquanto nada mais podemos dizer aos nossos leitores sobre esse encontro, segundo entre tenistas das duas Pátrias irmãs, recordemos o primeiro.

Foi em 1933 que ele teve lugar. Já lá vão, portanto, quase quinze anos, pois que ele teve lugar no final do ano!

J. R. Simões Coelho que havia estado em Portugal, brasileiro amigo dos portugueses como quase todos afinal, regressava ao seu Brasil prometendo-nos tratar lá da ida duma equipa de ténis à sua terra; e cumpriu a sua promessa, pois pouco tempo passado a nossa Federação recebia o necessário e esperado convite que envolvia o desejo de que Vasco Horta e Costa viesse a fazer parte da nossa equipa de três jogadores.

Posta essa circunstância de atender e o facto de Rodrigo de Castro

Pereira ser, ao tempo, não só presidente da direcção da Federação, como também seu jogador n.º 1, só um jogador houve que seleccionar; e nessa selecção teve novamente grande influência o nosso critério que atendeu não só à categoria técnica do jogador, como também ao seu valor como embaixador de uma modalidade que ao tempo ainda era, de facto, se já aristocrática, pelo menos privativa das mais altas camadas sociais do mundo.

Provocou esse nosso critério uma certa reacção por parte dum director que viu nele um subterfúgio nosso para proteger certo jogador — Serra e Moura — contra outro, do seu clube, que considerávamos tecnicamente igual e até talvez superior a aquele, mas que, pela sua pouca idade e experiência de sociedade, daria um fraco embaixador do seu valor social que o nosso ténis então ainda tinha.

Entretanto os nossos tenistas chegaram, foram carinhosamente recebidos, jogaram e bateram-se bem, mas onde eles foram, de facto, campeões foi no decorrer das inúmeras e lindas festas em sua homenagem. E' que nós sabíamos de antemão que a ida dos jogadores portugueses ao Brasil, ia dar lugar a essas festas que encantavam os nossos representantes!

Mas não se julgue que só nas salas Portugal foi prestigiado por esses seus filhos. Também, nos campos, tal se deu. E, senão, repare-se nestas passagens dum artigo publicado na revista brasileira «A Raquette», a propósito dos jogos efectuados pelos nossos jogadores.

«Os amadores lusitanos, desde os primeiros passos em nosso país, cercados da mais justa e carinhosa atenção, merecem os mais fortes encômios, tanto mais quanto se nos apresentam modestos e despídos de um orgulho muito natural, por fazerem um ténis de muito boa classe. Se não são ases de extraordinária fama, con-



A equipa portuguesa que visitou o Brasil, em 1933, no célebre Pão do Assucar. Da esquerda: um director do Tijuca Ténis Clube, Rodrigo de Castro Pereira, J. M. Serra e Moura e Vasco Horta e Costa

seguiram no entanto tomar por completo a atenção dos nossos técnicos e tenistas, pois apareceram num galope glorioso de ascensão. O novo Portugal desportivo que eles representam é um atleta jovem que surge para a alegria da vida numa apoteose de força».

Recordando, pois, o primeiro en-

contro, fazemos votos por que Portugal saia do segundo, igualmente prestigiado, agora em sua casa, e que Vasco Horta e Costa, a quinze anos de distância, volte, com os outros, seus companheiros de agora, a contribuir para aquele resultado.

Vasco Galvão

Espanha-Portugal

Se fôr a Madrid, visite o restaurante **VALÊNCIA**, na Avenida José António, 44 (Gran-Via) — frente ao Callau, onde encontrará ambiente acolhedor e óptima cozinha com a especialidade «la paella-valenciana»

EM POUCAS LINHAS...

O Clube Oriental de Lisboa tom a funcionar diariamente uma biblioteca, onde além de fornecer aos seus associados livros para leitura externa também lhes proporciona a leitura de jornais e revistas.

♦ A Direcção do Grupo Futebol Operário Vilafranquense promoveu no último sábado um jantar comemorativo do seu 35.º aniversário, na sede do clube, o qual se transformou numa bela festa de índole desportiva. O clube tem presentemente à frente dos seus destinos o sr. João Jorge de Mascarenhas e Menezes Alcobia, espírito de singular inteligência e dinamismo.

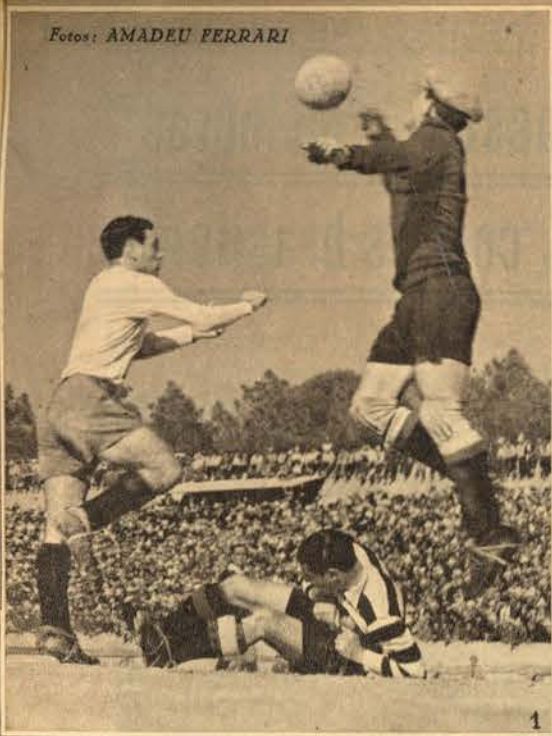
♦ A Federação Portuguesa de Ciclismo, que proseguiu ontem em assembleia geral, realiza no próximo dia 15, pelas 21,30, nas salas do Ateneu, a distribuição de prémios aos corredores ciclistas respeitantes às épocas de 1943 a 1947.

♦ A nova Direcção do Sporting Clube de Gouveia participou-nos que, no acto da sua posse, resolveu saudar e louvar a nossa Revista «pela prestigiosa acção que temos desenvolvido».

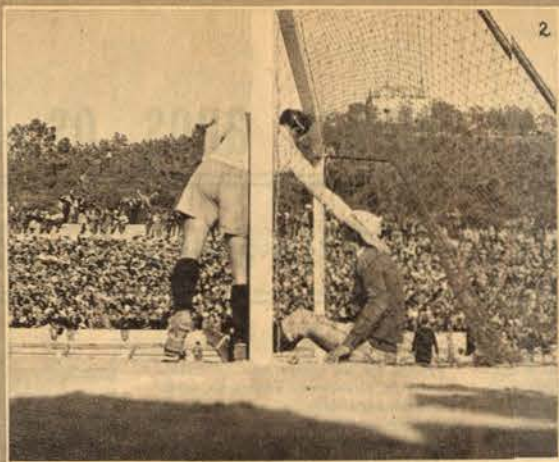


Vasco Horta e Costa e Humberto Costa campeão do Rio, cumprimentam-se no final do seu interessante encontro

Fotos: AMADEU FERRARI



1



2



5

Fotos: BARATA



6



Fotos: MANIQUE

9



3



4



7



8



10



Ao ataque, Vieira, Mota, Lourenço, e outro jogador. A' defesa, Cardoso, Azevedo, Canário, Manuel Marques e Veríssimo. Contemplem atentamente a jogada!

OS JOGOS dos TRES PRIMEIROS

ESTORIL - SPORTING: 1 — Enquanto M. Marques, caído, se agacha, Azevedo defende; 2 — O Sporting marcou o golo da vitória, Laranjeira está batido pela desgraça e um seu companheiro procura reanimá-lo; 3 — Peyroteo não pode passar... 4 — Um salto de Peyroteo e uma boa defesa de Laranjeira.

BELENENSES - ACADÉMICA: 5 — Sério defende, sob a ameaça de Ataz; 6 — Prates, protegido por Diogo, livra-se de Teixeira da Silva; 7 — Prates lança-se com ímpeto; 8 — Um salto oportuno de Garção.

BENFICA - VITÓRIA DE GUIMARÃES: 9 — Arsénio ataca, tendo ao lado Melão; 10 — Manuelito desenvolve uma jogada.



Comentarios

PANTAGRUEL

LORD BURGHEY, num recente comunicado, tornou pública a lista pormenorizada dos produtos alimentares solicitados pelo Comité Olímpico dos Estados Unidos para provêr à alimentação dos atletas e dirigentes que vêm a Londres tomar parte nos próximos Jogos.

Não sabemos quantas pessoas serão incorporadas na delegação desportiva estado-unidense, mas os números apresentados levam a supôr que a totalidade seja avulsada, pois o rol compreende mais de duzentas toneladas de mantimentos.

O Comité britânico, depois de obter o acordo do ministro inglês dos abastecimentos, transmitiu o pedido ao presidente de Madison Square Garden, general Kilpatrick, que se propõe, para conseguir satisfazê-lo, solicitar de todos os desportistas americanos uma contribuição em géneros.

Por curiosidade, damos de se-

guida a nota apresentada pelos americanos, com a quantidade de cada género expressa em quilos; carne de vaca, 24.000; outras carnes, 6.000; presunto e queijo, 3.000; açúcar, 12.000; manteiga, 7.500; legumes em conserva, 33.000; legumes secos, 1.500; fruta em conserva, 12.000 e fruta seca 8.000; gelo em pó, 200; cereais comestíveis, 6.000; farinha, 36.000 (a ração individual de pão será de 350 gr.); sumo de frutos, 150; nozes, 200; gorduras, 4.500; café, 6.000; leite em pó, 3.000 quilos (o C. O. B. trocará as latas de leite em pó por leite fresco).

Como se tudo isto fóra ainda pouco, os americanos requerem mais 210.000 ovos, 108.000 caixas de ovos em pó e 108.000 barras de chocolate!

Se todos os países concorrentes manifestarem idéntico apeteite, os ingleses vão ser obrigados a aperlar mais um furo no cinto.

PREPARAÇÃO

SURGEM nas páginas da Imprensa desportiva ou nas colunas das secções próprias dos jornais diários, cada vez com maior frequência, as notícias referentes a projectos de preparação portuguesa, para os Jogos Olímpicos de Londres.

Está sancionada a selecção dos nossos cavaleiros, o remo e a vela anunciam provas de apuramento, alguns atletas iniciaram já — por conta própria — os seus treinos mais rigorosos.

Parece deduzir-se de toda esta actividade, o firme desejo de assegurar a máxima eficiência à possível representação nacional e, simultaneamente, o manifesto desejo de que essa representação seja um facto, a corresponder aos esforços de progresso e expansão, nestes últimos anos dispendidos por todos os organismos dirigentes da hierarquia desportiva portuguesa. Não há, nesta legítima forma de pensar, nada que possa surpreender.

Portugal tem sempre marcado acto de presença nos Jogos Olímpicos, desde 1912, onde em Estocolmo vinculamos o intuito de uma tradição com o heroico sa-

crifício de Francisco Lázaro. Novo certame se aproxima e, muito logicamente, os desportistas lusitanos esperam que lhes seja uma vez ainda confiada a honrosa missão de fazer hastear a bandeira verde-rubra entre aquelas que, vindas dos quatro cantos do Mundo, vão drapejar ao vento no Estádio de Wembley.

Numa entrevista concedida há uma semana, o delegado de Portugal no Comité Olímpico Internacional, declarou que a entidade a que preside esperava apenas que as Federações lhe comunicassem a lista dos seus representantes, para transmitir à comissão organizadora dos Jogos a respectiva inscrição.

No entanto, no conjunto destas notícias e declarações há qualquer coisa que parece discordante, pouco segura, irreal e fantasiosa.

Ainda não sabemos, de fonte certa, se Portugal estará presente nos Jogos de Londres. Diz-se muita coisa, mas nada se afirma. E é necessário afirmar.

S. C.

COMPANHIA COLONIAL

DE NAVEGAÇÃO

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a Africa Portuguesa e Brasil

e de carga para a América do Norte

FUTEBOL-JUNIORES

O ORIENTAL

está apurado...

ESTAMOS a duas jornadas do fim. Numa das Séries já se conhece o possível vencedor, e, por consequência, finalista da Prova.

Trata-se do Oriental, que já derrotou o seu mais directo competidor, o Estoril, e agora sómente lhe falta vencer Sacavenense e Amadora, o que não lhe deve ser difícil.

Na outra Serie, a luta deve terminar no próximo domingo. A realização do jogo Sporting-Benfica resolverá tudo...

Entre os velhos rivais que se vai resolver e apurar o finalista, a quem cabe o direito de defrontar o Oriental para a disputa do título de campeão de Lisboa.

Não se pode saber antecipadamente qual será o vencedor, visto que «aguia» e «leões» possuem boas equipas e na única vez que se encontraram, em jogo particular, o resultado foi um empate...

Desta maneira, cremos que vai ser pequeno o campo onde o jogo se realizar. E' que tudo está com os olhos postos nesse encontro que decide o finalista, e, quanto a nós, o provável campeão...

Os resultados dos jogos realizados no passado domingo não nos deram qualquer surpresa. Como reparo, as dificuldades que

tiveram o Benfica e Sporting para vencerem os seus adversários.

Nos restantes jogos, os resultados foram normalíssimos pois os vencedores já estavam previstos, pela lei da lógica, mas às vezes, e muitas vezes, a lógica não serve para nada!

Nada mais houve que merecesse a nossa atenção, no capítulo jogadores, mas o mesmo não se pode dizer quanto a árbitros.

O árbitro do Benfica-Atlético fez vista grossa ao jogo duro de alguns jogadores dos dois lados, e quanto a nós é de pequenino que se torce o pepino...

Os árbitros para os encontros de juniores deviam ser escolhidos cuidadosamente e não deve ser um qualquer que vai assumir a função.

Resultados dos jogos realizados:

1.ª série:

Sporting.... 2 — Cascalheira. 0
Aguia..... 3 — Belenenses.. 3
Benfica..... 3 — Atlético..... 1

2.ª série:

Sacavenense 0 — Tarujense.. 1
Oriental.... 4 — Palmense... 0
Estoril.... 2 — Amadora... 0

M. V.

ARCADIA

O DANCING N.º 1
= DA CAPITAL =

Estreou-se com êxito a dinâmica e moderna Orquestra Tosselli

PAUL SMOLL o realizador do impossível

e os Príncipes do baile espanhol

MERCEDES LEON-ALBANO ZUÑIGA

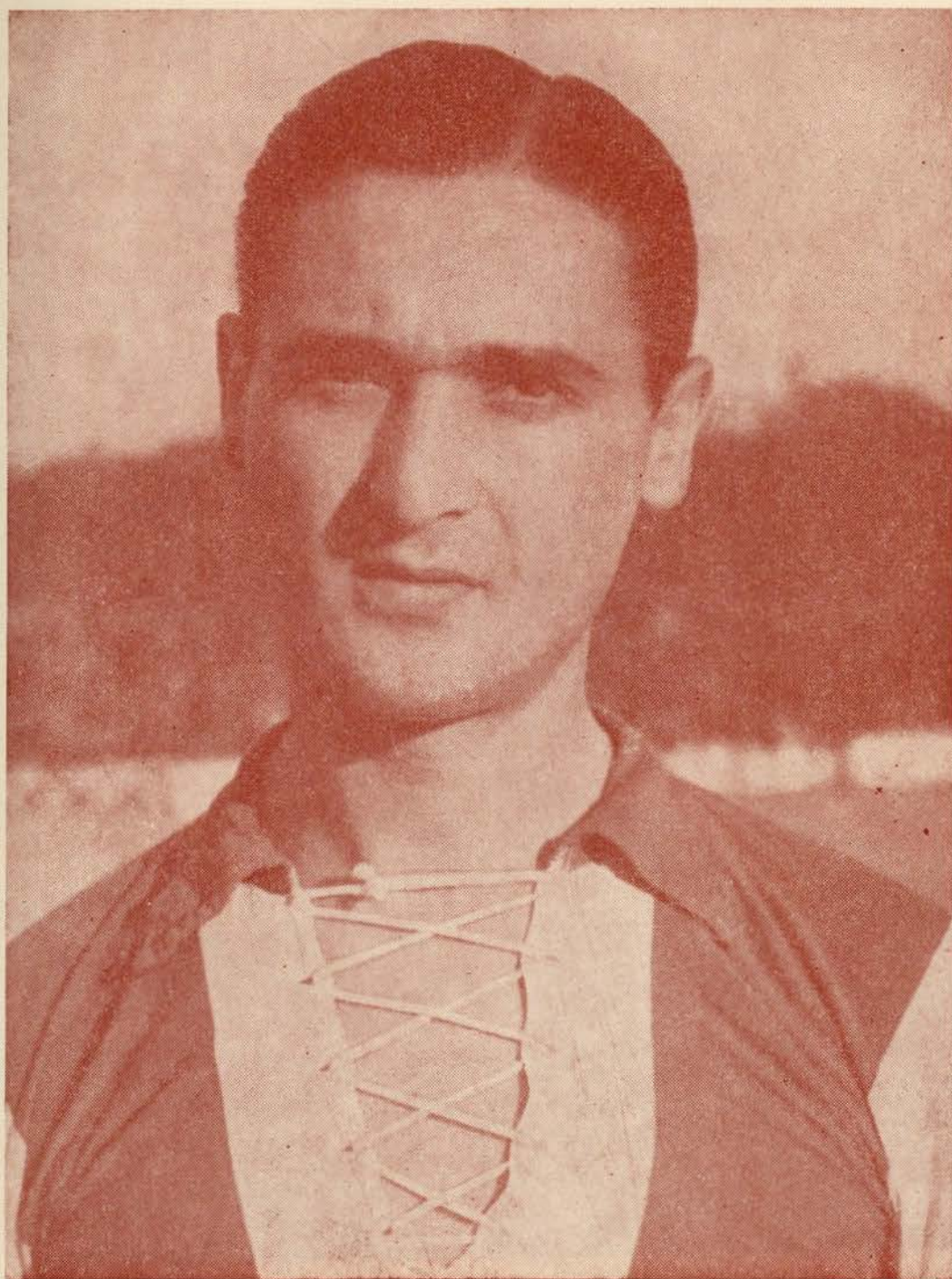
Carmen Vicente — Pilar Galvo — Mary Mely — Atlantida Mercedes Romero — Lita Anllel — Loli Palou — Conchita Perez — Alicia Suarez — Mabel Valencia

ORQUESTRA ARCADIA

Abertura às 22 horas — 1.ª parte de variedades às 24,15 horas

Vitor Augusto da Veiga Guilhar

(DO F. C. DO PORTO)



Nasceu em Trindade, na Ilha de S. Tomé, a 12 de Outubro de 1913. Em 1931-32 alinhou no União Sport Clube de Paredes, em 1933-34 no Boavista, em 1934-35 no Mirandela, e de 1936-37 até hoje no F. C. do Pôrto. Defesa esquerdo, hoje defesa central, distingue-se pelo bom despacho da bola, no jogo por alto, colocação e agilidade. Jogador correcto e dedicado. 2 vezes internacional.

António José Alves Machado

(DO VITÓRIA DE GUIMARÃES)



Nasceu em Treixomil (Guimarães), a 18 de Março de 1919. Desde 1937-38 que representa o Vitória de Guimarães, alinhando no posto de guarda-redes onde tem revelado qualidades de boa visão, agilidade, golpe de vista e coragem.

O Porto venceu Lisboa

O encontro entre a selecção do Porto e de Lisboa, disputado no domingo na primeira destas cidades, teve a presença de um numeroso público que não se arrependeu, com certeza, da decisão de comparecer; primeiro, porque assistiu a uma vitória justificada da sua equipa representativa, depois porque a luta foi sempre animada e emotiva, decidindo-se, por assim dizer, só a dez minutos do fim, com a marcação da grande penalidade que lançou o desânimo no grupo lisboeta.

O resultado foi o mais copioso registado na série dos partidos inter-regionais: 11-8, dezanove tentos numa hora de jogo é, realmente, marcação invulgar em encontros desta categoria. Dizia-nos no final o seleccionador lisboense a sua surpresa, pois nem esperava sofrer onze bolas, nem supunha a sua formação atacante capaz de marcar oito.

Isto prova, a nosso ver, o extraordinário poder da linha atacante portuense, onde os dois interiores Montalvão e Fonseca, luziram a grande altura, e a fragilidade da defesa nortenha, nomeadamente os dois guarda-redes experimentados, dos quais nenhum provou capacidade para o desempenho cabal das suas funções.

Em realce destas primeiras conclusões, acrescente-se ainda, que o porteiro lisboeta, Délio, teve intervenções de grande classe e figura entre os melhores elementos do seu onze.

Não queremos entrar em comentários descritivos do jogo, já conhecido dos leitores desportivos; vamos, em substituição, formular, com a maior segurança de reflexão que o tempo nos dá, algumas deduções de interesse para eventualidades futuras, sobretudo para a constituição e possível valor da equipa que há-de representar o país no campeonato do Mundo.

A principal conclusão a tirar do jogo de domingo é de que o grupo nacional será muito mais forte do que qualquer dos grupos regionais contendores, isto porque, felizmente, estes se compensam, cada um bem apetrechado no sector mais desprovido do outro: defesa lisbonense, ataque nortenho.

Nos avançados sudistas, só Pimentel Saraiva, com a sua inteligência de iniciativa e arte na desmarcação se apresenta como provável candidato ao posto de extremo; Vicente, no eixo da linha, também poderá a vir competir com Paulo, desde que melhore a sua condição física.

Este mesmo reparo — condição física insuficiente — pode mencionar-se em referência aos restantes componentes da representação da capital; com o seu campeonato ainda em início, preparando-se insuficientemente nos clubes respectivos, quase todos os jogadores mostraram resistência física escassa, incapazes de aguentar o

andamento vivo do jogo durante a hora de competição.

Outros, ainda, acusaram os efeitos de hipomobidade, quer retardando os esquemas de ataque — como sucedeu com Miranda —, quer incorrendo em exagerado número de faltas para sustentar o ímpeto dos atacantes adversários — como foi o caso de Natividade.

Ante o seleccionador nacional impõe-se, portanto, um problema instantâneo e fundamental: cuidar desde já, com a colaboração de um professor de ginástica, de preparação física dos possíveis seleccionados, de forma a poder apresentá-los, em Maio próximo, contra a Espanha, em condições de assegurarem o máximo rendimento ao grupo e a desejada continuidade de acção na prova internacional.

Duas palavras, ainda, sobre o critério de arbitragem, que tantas discussões suscitou entre os elementos da representação lisbonense; o sr. Feist, dirigiu o encontro com imparcialidade e conhecimento das leis, talvez com demasiada benevolência na apreciação de algumas faltas dentro das áreas de castigo.

Dizemos «áreas» porque essas faltas se passaram de ambos os lados, embora mais evidentes por parte dos defesas sudistas e mais habilitadas por parte dos nortenhos.

Agindo assim, o árbitro deu aos jogadores a ideia de que não marcava as grandes penalidades, o que os animou a continuarem. No momento crucial do encontro, quando se presentia que a vantagem procurada com afã pelos dois grupos tomaria, enfim, aspecto decisivo para quem primeiro a conquistasse, o sr. Feist puniu com o castigo máximo uma entrada de Natividade, muito menos grave do que diversas outras precedentemente verificadas. Por exemplo, um empurrão pelas costas, ao avançado centro portuense, quando se encontrava junto à linha limite, frente ao centro da baliza e em instância de remate; empurrão esse que o fez estatelar no solo, dentro da área do guarda-redes.

Houve, na realidade, com a indicação do apontado castigo máximo, uma aparência de diversidade de critério do sr. Feist. Verdade também é que a defesa de Lisboa já merecera idêntico castigo mas, perdida a oportunidade, não foi feliz a decisão extemporânea.

Foi este o último encontro oficial disputado com as antigas regras; na próxima jornada entrarão em vigor as novas disposições legais, com o julgamento da deslocação idêntico ao que é seguido nos jogos de futebol.

A característica, a mecânica e a tática de jogo vão mudar por completo. Supomos que para melhorar, mas com certeza para uma toada completamente diferente.

O andebol clássico morreu; em seu lugar começa um novo jogo.

SALAZAR CARREIRA

Filipe Luís, sempre vencedor

A corrida de quinze quilómetros em estrada, que a Associação de Lisboa organizou mais uma vez no percurso habitual do Campo Grande a Sacavém e volta, trouxe mais uma vitória ao actual melhor corredor português de fundo, o sportinguista Filipe Luís.

A maneira, não diremos fácil, mas de absoluta autoridade, como dispôs dos adversários, resgata a sua insuficiente exibição do percurso da estafeta Cascais-Lisboa e permite afirmar agora, que o atleta não estava naquele dia em disposição feliz, o que pode acontecer a qualquer.

Na prova de domingo o seu competidor de início foi o benfiquista Manuel Gonçalves, corredor de longas distâncias por excelência e que, por certo, vai triunfar sem competidor nas duas provas de grande fundo que faltam realizar para complemento do programa de inverno: os 35 km, e a maratona.

Da prova do passado domingo, o único pormenor entre os tempos gastos na ida e no regresso, levando em consideração que o

percurso de retorno é um pouco mais à saída de Sacavém.

Eis os tempos de ida: Filipe Luís 24 m. 15 s.; M. Gonçalves e Afonso Marques 24 m. 35 s.; Jaime Miranda, 26 m. e Cândido Pinto, 26 m. 35 s.

Tempos de regresso: Filipe Luís 26 m. 33,2 s.; Manuel Gonçalves, 26 m. 33,4 s.; Afonso Marques, 26 m. 42 s.; Jaime Miranda, 30 m. 27 s. e Cândido Pinto, 30 m. 29 s.

Vê-se por estes números que a vantagem do vencedor foi quase integralmente obtida no percurso de ida, pois no sentido inverso Gonçalves conseguiu quase, dois décimos de segundo apenas perdidos, manter-lhe o andamento.

Registe-se, como sintomático, o resultado conseguido por Afonso Marques, que parece disposto a lutar pela conquista da forma antes de começada a época de pista.

Sobre os restantes nada há a dizer; fizeram o que puderam e não podem muito. Jaime Miranda, corajoso e regular.

Salazar Carreira

BASQUETEBOL

O Atlético continua à frente do Campeonato de Lisboa

Depois de uma interrupção de quinze dias, recomeçou, na última semana, o campeonato regional de basquetebol. Esta prova, que, normalmente, termina em Janeiro, está, neste momento, a cinco jornadas do fim, o que, por certo, vai complicar a organização das provas oficiais que devem disputar-se, ainda, na presente época. Antevendo-se esta hipótese, talvez fosse de aconselhar que, desde já, se tratasse, junto das entidades oficiais, da prorrogação da temporada, para evitar que, mais tarde, haja necessidade de sacrificar qualquer das competições em projecto. Seria doloroso desperdiçar as oportunidades que, agora, o basquetebol português vai ter, somente por falta de datas.

Tudo leva a crer, porém, que o assunto seja resolvido com tempo e da melhor forma.

A primeira jornada da semana não conseguiu despertar grande interesse, embora o programa incluisse tres jogos que se previam agradáveis. O Carnide livrou-se, facilmente, do Algés, depois de um jogo equilibrado, em que o resultado só muito tarde se inclinou para o lado dos antigos campeões nacionais. A seguir, o Belenenses e o Lisgás disputaram uma partida animada que os «azues» ganharam com relativo à vontade (33-25). No jogo de fundo, o Sporting não se deixou dominar pelo Atlético, enquanto a sua

equipa actuou completa; no entanto, logo que Rui Ferreira salu do rectângulo, os «leões» cederam visivelmente, e, então, os «leaders» marcaram claro ascendente, terminando por vencer bem distanciado (45-26).

Na sexta-feira, o público acorreu ao campo do Ateneu em número razoável, pois as partidas Sporting-Lisboa Ginásio e Algés-Benfica prometiam luta animada. A abrir o programa, o Ateneu venceu o Carnide, sem grandes sustos, como o «score» indica: 36-17.

O desafio entre «leões» e «ginastas» forneceu alguns momentos de bom jogo e despertou vivo interesse, pelas constantes alterações do marcador. O Sporting venceu bem, mercê do seu maior poder ofensivo e da excelente actuação do seu jogador Artur Mira. No final, os dez pontos que sepavam as duas equipas (39-29) correspondiam ao desenrolar do encontro.

O Algés esteve prestes a proporcionar a surpresa da jornada, pois, no seu jogo com o Benfica, comandou a marcação, durante grande parte do tempo. A equipa dos «encarnados», onde a falta de Campos e Morais (este só na primeira parte) foi sensível, não perdeu, contudo, a confiança nos seus recursos e, nos últimos minutos do encontro, conseguiu, ainda, uma vantagem confortante (44-35). A proeza do Algés serviu, porém, de aviso...

Monteiro Poças

OS JOGOS DE BRAGA, PORTO E OLHÃO



Sporting de Braga-Vitória de Setúbal (ao lado direito): 1 — Baptista defende; Mário e Cassiano observam; 2 — Os setubalenses defendem-se, na marcação de um canto



Olhanense-Porto — Um lance apertado em frente das balizas de Szabo



Boavista-Lusitano (ao lado esquerdo): 1 — Balbino não deixa Serafim rematar; 2 — Um defesa do Lusitano desarma Caiado e Barros



Foi inaugurado solenemente na última semana o stand e oficinas, num conjunto técnico de grande valor, que a Sociedade Comercial Candido Mota, Ld.ª construiu e montou, com todos os requisitos modernos, na Rua Rodrigues Sampaio.

Na inauguração, a referida Sociedade apresentou os novos modelos 1948, os quais causaram verdadeira sensação, pela elegância das suas linhas, conforto, comodidades e economia que oferecem, e perfeição mecânica.

Candido Mota conseguiu mais um êxito. A inauguração do stand e a exposição dos novos modelos, de que publicamos um trecho, foram muito concorridos e os elogios unânimes.



**PNEUS
E
CÂMARAS DE AR**

MABOR

Produção da
**MANUFACTURA NACIONAL
DE BORRACHA**



Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

X — O salto em comprimento (Continuação)



Luis Retamba, um dos melhores saltadores portugueses

Os anos de 1928 e 1929 não trouxeram qualquer alteração ao quadro geral dos saltadores em comprimento.

Fernando Marreças, doente, desapareceu das competições e nos concursos da especialidade raros eram os concorrentes que atingiam os seis metros.

Em 1928 encontramos: Acácio Mesquita com 6.^m02 no campeonato do Porto; José Prazeres com 6.^m09 e Luis Retamba com 6.^m03 no encontro Porto-Lisboa; Retamba com 6.^m14 e Mesquita com 6.^m11 no Nacional; José Prata de Lima com 6.^m53, Mário Duarte com 6.^m40 e Palhares Costa com 6.^m05, no torneio da Figueira da Foz.

Em 1929 os resultados foram melhores: no campeonato lisboense de juniores, Santos Marques saltou 6.^m11 e Francisco Serra e Moura 6.^m08; Acácio Mesquita transpôs 6.^m16 no regional do Norte, 6.^m22 e 6.^m21 nos dois encontros Porto-Gilize; o campeão regional do Sul foi Martins Correia com 6.^m28 e o nacional, Américo Antunes com 6.^m40 seguido de Retamba, 6.^m39 e Belém Rodrigues, 6.^m25; finalmente, no concurso organizado pelo Belenenses coube a vitória a Severo Tiago, com 6.^m22.

Repare-se na elevada percentagem de latebolistas de nome, entre os saltadores citados: Acácio Mesquita, Serra e Moura, Severo Tiago são três internacionais da bola. Na época de 1930 os resultados são na generalidade bastante mais fracos. Na Taça Salazar Carneira, o infeliz Serra e Moura, em franco progresso, alcança 6.^m29 e no regional de juniores do Norte, Fernando Prata saltou 6.^m37 e no regional dos seniores 6.^m21.

O campeão de Lisboa foi Abrantes Mendes com 5.^m80 e o campeão nacional, Martins Correia com 5.^m91. Não se pode ser mais modesto.

No encontro Porto-Lisboa, Luis Retamba obteve a melhor marca do ano, 6.^m48, classificando-se a seguir o antigo saltador em altura José Cabrita, com 6.^m28 e José Prata com 6.^m18; o campeão nacional foi eliminado porque, nas três ten-

tativas pisou o limite de chamado, pressão que voltou a suceder-lhe no encontro Coimbra-Lisboa, onde a prova foi ganha pelo coimbricense Alpoim com 5.^m57.

A encerrar a temporada organizou o Belenenses o seu concurso, vencendo em juniores e seniores, Carvalhosa com 5.^m76 e Martins Correia com 6.^m14.

Este Carvalhosa, que se estreara meses antes ganhando o campeonato nacional de juniores com 5.^m98, vai progredir vertiginosamente e aparecer-nos com a grande figura da época imediata.

Em 1931 começa ganhando na Taça dr. António Martins a prova dos juniores com 5.^m90 e a dos seniores com 6.^m04, só voltando a comparecer no campeonato nacional, que ganha com 6.^m55. No encontro Porto-Lisboa consegue bater o recorde nacional, com 6.^m65, melhorando nam concurso em 8 de Agosto para 6.^m70; finalmente, no Concurso de «Os Sports», atinge 6.^m80.

Nesta competição, a sua luta com Luis Retamba foi emocionante: à primeira tentativa Carvalhosa fica em vantagem com 6.^m32; no segundo salto, o campeão do Norte alcança 6.^m52 mas na ronda imediata o lisboeta decide em definitivo a pugna com o magnífico pulo de 6.^m80. O terceiro classificado foi Mário Porto, com 6.^m21.

Outros resultados a registar: campeão nacional de juniores, Mário Tavares com 6.08, o qual ganhou também o regional de seniores de Lisboa com 6.^m03; campeão do Norte, Luis Retamba, com 6.^m21; na Taça Serra e Moura, Ivo Cansado saltou 6.^m15; no encontro Porto-Lisboa, após Carvalhosa, Tavares transpôs 6.^m16. Retamba e Castro Cabrita 6.^m13; o Setabal-Lisboa foi ganho pelo setabalense Carlos Santos com 6.^m01 e outro setabalense, Crazeira, chegou a 6.^m04 no concurso de «Os Sports»; na Figueira da Foz, onde voltou a disputar-se um interessantíssimo torneio com a presença dos melhores atletas do país, Marcelino Velga (Anadi) venceu em juniores com 6.^m17 e nos seniores, Carvalhosa 6.^m49, Mário Porto 6.^m19 e Cadete 6.^m07.

Inutilizado desde o início da época, Carvalhosa não pode participar nos concursos de 1932 e, na sua ausência o melhor foi Mário Porto com 6.^m64 no concurso de «Os Sports», 6.^m27 no

campeonato universitário (recorde) e 6.^m49 no campeonato nacional, ganho por Castro Cabrita com 6.^m52. Este atleta venceu também o Porto-Lisboa com 6.^m49.

Vamos daqui em diante resumir a descreção nos factos principais, para não tornar monótonos e intermináveis estes apontamentos.

A figura marcante em 1933 foi o portuense Tavares Júnior, que começa por melhorar para 6.^m50 o recorde do Norte dos juniores, vencendo pela época adiante o nacional da mesma categoria com 6.^m29 o regional do Porto com 6.^m55 (segundo Adalino Xavier, 6.^m43), o Nacional com 6.^m49 e o Porto-Lisboa com 6.^m48.

Dos saltadores deste período, apenas Retamba e Castro Cabrita ensaiavam golpe de tesoura; todos os restantes saltavam engrupados, aproveitando as

suas facilidades de corredores de velocidade.

No ano seguinte, 1934, outro junior, Carlos Santos, chega a campeão nacional de seniores; os seus triânicos foram, nos regional e nacional de juniores com 6.^m37 e 6.^m16, no regional e nacional de seniores com 6.^m42 e 6.^m45; classificou-se segundo no Lisbon-Madrid universitário com 6.^m31 e no Lisbon-Barcelona com 6.^m44, de ambas as vezes o melhor português.

No princípio da temporada de 1935 os atletas lisboetas foram a Barcelona retribuir a visita e Carlos Santos ganhou o salto em comprimento com 6.^m21.

Venceu ainda o campeonato das escolas secundárias com 6.^m45 e o nacional com 6.^m67, o melhor resultado do ano.

No campeonato de estreantes revelou-se um rapaz dotado de

(Continua na página seguinte)



José Carvalhosa bate o recorde nacional com 6.^m80

As exhibições do Vasco da Gama

em Santiago do Chile

Os brasileiros derrotaram os uruguaios

(Especial para «Stadium», do nosso redactor no Rio de Janeiro, CANDEIAS ALVAREZ)

A apresentação do esquadro vascoino no Estádio Nacional Chileno, ansiosamente aguardada pela *afición* daquele país, realizou-se oportunamente, e deve ser dito em honra da verdade que se não faltou *chance* ao Vasco no resultado conseguido contra os bolivianos do El Littoral, faltou sim boa disposição nos pedras da sua equipa, que a critica impiedosamente ceasa de ter tido uma noite desastrosa em frente de um adversário bastante fácil.

Não fosse a veterania do já nosso conhecido Lelé, fazeno os dois golos que fixaram o resultado, e aquilo redandaria em estropeio para o futebol brasileiro.

Para melhor elacidação dos nossos leitores, transcrevemos abaixo algumas passagens da critica inserta no «Jornal dos Sports» que além de nos dar a indicação precisa do pensamento imparcial do critico, servirá também como visão para aqueles que creem só em Portugal ser possível existirem linhas avançadas que jogam mas não marcam...

«Esperava-se muito mais do campeão brasileiro enfrentando um adversário que até certo modo não possui um cartel de alto indice dada a sua pobreza técnica...

«A verdade é que o Vasco fracassou. Não que se houvesse deixado dominar por um adversário de semelhante cartel, mas porque apresentou um futebol mediocre, quase se igualando ao do adversário.

«O Vasco deu a impressão de um quadro sem formação conjunta. Pareceu mais um amontoado de forças dispersas e uma equipa de valores sem qualquer preparação prévia».

E mais adiante: «A defesa nunca se encontra, a linha intermediária jogou solitivamente e a vanguarda esteve abaixo da critica. Irrecorrível...

«Falharam os vanguardeiros vascoinos nos remates, ou por-

que a direcção do tiro era feita ou por não saberem finalizar o trabalho iniciado. Os dois golos sargidos pelos pés de Lelé, não foram mais que o esporádico aproveitamento da chance».

Positivamente, a «toirrada» chilena esperava muito mais do Vasco que fracassou redondamente.

Note-se, pelo desassombro do critico, que aquilo esteve «muito mau» e é do nosso conhecimento que os animos chegaram a exaltar-se.

Cá como aí, a fragilidade das linhas avançadas é um facto em evidência e a pecha da falta de remate não é exclusivamente nossa...

Também aqui no Brasil os avançados pecam pelos muitos rendimentos que são realmente de encantar — mas pouco produtivos.

Passemos pois a aguardar os «matches» que o Vasco realizará contra o Nacional do Uruguai, a fim de podermos avaliar melhor das suas possibilidades no referido torneio.

O Vasco da Gama, passadas as primeiras dificuldades, começa a impor-se...

Está agora de parabens o Vasco da Gama pelo resultado obtido no seu segundo desafio disputado contra o campeão do Uruguai (Nacional) que mais parece a Selecção do seu país, visto inclair-se na equipa sete «internacioneis» da selecção uruguaiana no Campeonato Sul Americano ultimamente disputado em Guatiquil.

A equipa vascoina apesar de se apresentar desfalçada de Augusto e Lelé, que se encontram seriamente contandidos, redimiu-se por completo do fracasso registado dias antes contra o quadro boliviano do «El Littoral» e os 4-1 que a sua favor ajusta-se perfeitamente ao desenrolar da partida.

A torcida chilena deu ao seu entusiasmo, maravilhando-se

e electrizando-se com a exhibição do quadro vascoino que, incluindo agora na sua vanguarda o mais cotado jogador brasileiro — Ademir — deu todo o rendimento que lhe é possível tendo sido este jogador quem abriu o caminho para tão retumbante vitória, fazendo um golo magnifico de precisão.

Nunca aderindo á violência imposta pelos uraguaios, não reclamando contra as injustas decisões do árbitro que não validou um golo feito por Friaça, licito, o Vasco deu uma lição de lealdade desportiva e um estapeado «bail» nos famosos ex-campeões do Mando.

Para melhor se aquilatar do brilhante feito vascoino, basta dizer-se que dos 90 minutos regulamentares, 80 foram de sua constante dominio.

A arbitragem a cargo do sr. Madrid, foi péssima e parcial. Aos jogadores do Nacional permitia tudo, incluído o que obrigou á substituição de Ademir que soia do terreno inanimado; e Friaça voltou a ser atingido.

O Vasco, que já contava com 5 jogadores tocados e agora a lista para 6 tendeu-se visto obrigado a mandar pedir reforços para o Rio; o jogador

Diez, do «Emelec», deu entrada no hospital com 4 costelas fracturadas durante o *match* contra o River Plate, de Buenos Aires. Como se vê, continuam as violências que só terminarão com todos os jogadores «estiveiros» ou com o abandono do terreno por parte deles, visto que os árbitros são absolutamente parciais. E fala-se em Portugal de uma ou outra má arbitragem...

A classificação no Torneio até ao presente momento é a seguinte:

Municipal.....	4 pontos
R. Plate.....	2 »
Nacional.....	2 »
Vasco.....	1 »
C. lo-Colo.....	1 »
Emelec.....	1 »
Litoral.....	0 »

Manuel de Oliveira chegou ao Rio

Encontra-se no Rio o Campeão de Portugal de luta greco-romana Manuel de Oliveira, que aqui vem disputar um campeonato de «catch-as-catch-can».

A representação brasileira nas Olimpíadas

O Comité Olímpico Brasileiro, na sua última reunião, ultimou os preparativos para a comparecência da delegação brasileira aos Jogos Olímpicos a realizar em Londres no corrente ano.

O Estádio Nacional brasileiro

Já foram iniciadas as obras para a construção do Estádio Nacional Brasileiro onde será disputado o Campeonato Mundial de Futebol a realizar em 1950. Até ao presente momento e em menos de um mês, foram terraplanados cerca de 40.000 metros de terreno.

ATLETISMO

(Continuação da pag. anterior)

excepcionais qualidades de energia e elasticidade: Carlos Antero, que foi a Cimbra conquistador do título nacional dos juniores com 6.^o46.

Lima Marques foi campeão do Porto com 6.^o47 e Gil, campeão de Portugal com 6.^o34.

Em 1936 apparece outro saltador de boa classe; Manuel Emilio de Oliveira, campeão regional e nacional de juniores com 6.^o63 e 6.^o43, segundo do campeonato de Lisboa com 6.^o44 (vencedor, Vasconcelos, 6.^o54), vencedor na Taça Luís Aguiar com 6.^o37, nos dois e nos 100 do Belenenses com 6.^o46 e 6.^o67, nos Coidos de Rainha com 6.^o45.

Carlos Santos foi campeão nacional com 6.^o56, sem a presença de Oliveira, e o braçoense Miguel Conha campeão do Norte com 6.^o59.

Os mesmos nomes vamos encontrar em 1937; Oliveira é campeão regional com 6.^o59 e na-

cional com 6.^o56, vencedor ainda nos Jogos Nacionais do Estoril com 6.^o66. Neste torneio estreou-se, obtendo o segundo lugar com 6.^o54, o futebolista Guilherme Espirito Santo, de quem teremos ocasião de voltar a falar.

O campeonato do Porto foi ganho por Lima Marques com 6.^o33 e o dos juniores por Fabião, com 6.^o51.

No nacional dos juniores terminaram empatados Fabião e Pais Romão com 6.^o39; o juri concedeu-lhes mais duas tentativas para decisão, vencendo o portuense com novo salto de 6.^o22.

Se o desempate houvesse sido feito conforme manda o regulamento actual, Romão teria levado a melhor pois a sua segunda marca era de 6.^o30, contra 6.^o20 do adversário.

(Continúa)

Salazar Carreira

EXEMPLARES ATRASADOS

Cada exemplar da II série passa a custar:

Do n.º 1 ao n.º 108..... Esc. 5\$00

» n.º 109 ao n.º 212..... » 3\$50

Todos os restantes — preço da capa

HOMENS de AMANHÃ

Actividades da mocidade portuguesa

A VITÓRIA dos "PUDILOS" no futebol



A Organização Nacional da Mocidade Portuguesa encontra-se, presentemente, no seu décimo segundo ano de existência. Criado em Setembro de 1936, o patriótico Organismo exerceu, incontestavelmente na última década, profunda e proveitosa modificação na vida da juventude portuguesa. A difusão da ginástica, mormente nas camadas escolares, quer por meio dos centros de instrução geral quer através dos núcleos especializados de educação física, deve-se-lhe em grande parte.

E, além da ginástica, alguns desportos — modalidades a que a Mocidade Portuguesa veio insufflar vida, incremento verdadeiramente notável.

Está nesse número o voleibol — a modalidade que contou maior número de praticantes dentro da «M. P.».

Aos desportos náuticos cabe, sem favor, um lugar de honra. A náutica, especialidade das mais belas, das mais salutaras, viu reatada a tradição perdida por largos anos de desinteresse e de carência de recursos.

O remo, a vela. Sobretudo a vela. É ver-se esse Tejo polvilhado de airovas embarcações, símbolos de uma tradição que está no sangue e na alma da nossa gente.

A vela, modalidade que a «M. P.» trouxe para o primeiro plano do desporto português e onde se atingiu, presentemente notável classe internacional.

E a esgrima? — É outro desporto já enraizado nos nossos jovens, e cuja expansão aumenta dia a dia. Falar da esgrima dentro da «M. P.», mesmo em jeito de breve apontamento, é recordar implicitamente a bela vitória alcançada, em 1942, pela equipa da Mocidade Portuguesa — constituída exclusivamente por elementos preparados nas suas salas — sobre os fortes componentes da Jeunesse Française

num encontro às três armas, em que a superioridade lusitana se afirmou nítida e insofismável.

Vem isto, afinal, a propósito do êxito com que presentemente está a ser disputado o já tradicional campeonato de futebol da Ala 2. Como é natural, o futebol goza de muita popularidade dentro da Organização.

Os jogos rodeiam-se, normalmente, de belo entusiasmo e de muito apêgo à luta, ainda que dentro das melhores normas desportivas.

O torneio deste ano reuniu vinte e uma equipas, agrupadas em quatro séries, movimentando, portanto, a honra soma de cerca de duzentos e cincoenta jogadores.

Dois equipas, com boas tradições na prova — o Colégio Militar e o Instituto dos Pupilos do Exército — voltam a marcar posição de relêvo no torneio deste ano. Uma característica fundamental individualisa estes dois conjuntos: a sua cuidada preparação física.

E não andaremos, por certo, muito longe da verdade, se filarmos nessa característica a razão de ser das posições de relêvo ocupadas pelo Colégio Militar e pelos Pupilos do Exército, respectivamente, nas séries A e C.

Mas não podemos de maneira nenhuma omitir a carreira interessante da turma representativa do Liceu de Gil Vicente — o melhor conjunto da série B — e a actuação digna dos melhores encómios, pela regularidade que a tem caracterizado, do elenco do Liceu de Camões, o mais equilibrado agrupamento da série D.

Outras equipas há, no entanto, que bem merecem uma referência pelo muito que tem contribuído para o belo êxito de que o campeonato de futebol da Ala 2 se tem rodeado. Estão neste caso os grupos do Colégio «O Académico», Liceu de Camões (equipa B), Liceu de Pedro Nunes e Centro n.º 16, de Alhandra.

Os Pupilos venceram no passado domingo brilhantemente. O score (7-0) diz tudo. Eram os melhores da Prova.

Mas não fica por aqui, como sabemos, a actividade desportiva da «M. P.». Não. Abrange, por assim dizer, todas as modalidades. E à frente vem, sem favor, o voleibol, o único desporto considerado como obrigatório entre os filiados do patriótico organismo e cujo campeonato se encontra presentemente em curso, com a participação de muitas dezenas de filiados. E há dias realizou-se, também, com apreciável concorrência e bom entusiasmo uma prova de corta-mato.

As outras competições surgirão oportunamente. Com vista a essas competições, os vários centros especializados estão presentemente desenvolvendo profícua actividade, mormente os de remo, vela, tennis, atletismo e tiro.

A obra da Mocidade Portuguesa continua, pois, a desenvolver-se e a prosperar, assente em bases sólidas, norteada, como na primeira hora, pelos mesmos elevados princípios. E no momento em que a sua actividade se afirma exuberantemente, saudamo-la tal como merece.



Abreu Torres



na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

AS NOVAS REGRAS DO ANDEBOL

O andebol não tinha as suas regras actualizadas. As leis da «deslocação» e da «grande penalidade» não se applicavam como no estrangeiro, mas a partir do último domingo tudo se harmonizou convenientemente.

É certo que os jogadores e os árbitros experimentaram algumas dificuldades. Mas o jogo de andebol ganhou com a transformação. A linha da frente joça no estilo das equipas de futebol. A «deslocação» é igual. Só se mantem o rigor da zona de remate.

Vamos ver muitos golos em andebol, com certeza...

ROBERTO MACHADO E O SEU AMOR AO ATLETISMO

Roberto Machado criou prestígio dentro do atletismo. Antigo praticante, dirigente e treinador, Roberto Machado tem contribuído largamente para a divulgação da útil modalidade. Desde os tempos do velho Nun'Alvares, até representar o F. C. Porto e o Académico, clube onde fez largo estágio.

O importante clube do Lima, que tem igualmente ligado a sua melhor atenção aos desportos de pista, convidou de novo Roberto Machado a tomar a direcção dos treinos da sua rapaziada — e os resultados desse convite aparecerão brevemente.

Disso não duvidamos.

VÁRIOS CONVITES

AO CAMPEÃO DO PORTO

A despeito de alguns reveses (e neste campeonato nacional já apareceram alguns), o futebol portuense está um pouco mais considerado. O campeão regional visitou Valência, onde ganhou o titular máximo de Espanha, — foi convidado a jogar com o Alcoyano, Real Madrid e agora com o Atlético de Bilbao.

Um outro convite veio de África. E sabemos que se estuda no Brasil a possibilidade de fazer jogar ali os azues e brancos.

O Campeonato e a «Taça», porém, roubam muito tempo aos clubes. Só com perigo da sua classificação poderiam os azues-brancos aceitar as propostas feitas.

DOIS ASSUNTOS

Os sócios do F. C. Porto

A educação do Leixões

Já tivemos ocasião de afirmar que o F. C. P. possui sócios dedicados. Tem-no demonstrado através de muitas dificuldades, durante alguma época sem campo, pagando o seu bilhete e a sua quota.

Há uma semana, voltaram os sócios do primeiro clube do Norte a corresponder a um apelo da sua gerência. O jogo Porto-Boavista realizava-se no Campo da Constituição, mas pediu-se-lhe o pagamento da entrada e ninguém recusou.

O facto provocou um comunicado da F. C. Porto, que reproduzimos por ser curioso:

«A Direcção do Futebol Clube do Porto, reconhecida pelo nobre exemplo de dedicação e fe clubista, larga e eficientemente demonstrado pela sua numerosa massa associativa, no último apelo material que lhe foi feito regulamentarmente na jornada do passado domingo, vem publicamente patenlear por todos e a todos, a sua maior gratidão, por mais este alto e significativo serviço prestado devotadamente à colectividade.»

Achamos que esta dedicação merece ser posta em relevo. O sócio deve «viver» as situações amargas da sua colectividade. Que não pensem apenas em tirar lucros. Naturalmente, acontecerá assim em muitos agrupamentos nacionais. Mas como no F. C. do Porto mereceu público testemunho de gratidão esta prova de amor à colectividade, não deixamos de registar o facto.

* * *

O Leixões jogou com o Famalicão no seu campo de Malozinhos. Perdeu. Mas perdeu com dignidade, pois os visitantes retiraram agradecidos à maneira como os jogadores e o público adepto do brioso Leixões se comportaram.

Eis outra atitude que merece os aplausos da nossa Revista. Segundo um jornalista famalicense, «para a próxima visita do Leixões a Famalicão está já a direcção do clube famalicense a preparar uma recepção aos malosinhenses, que corresponda inteiramente à maneira inesquecível como todos os famalicenses foram recebidos em Leixões.»

Muito agradável tudo isto. Porque não ha-de ser sempre assim?

CURIOSIDADES...

O F. C. do Porto recebeu já a confirmação da próxima visita do Valencia, campeão da Liga de Espanha. A gerência do clube portuense prepara uma recepção condigna aos valencianos.

♦♦ O F. C. do Porto foi também convidado a jogar em Bilbao no dia 21 do mês corrente. Como se sabe, nesse dia realiza-se em Madrid o encontro Portugal-Espanha.

♦♦ Continua de pé a possibilidade dos campeões portuenses se reforçarem.

♦♦ A notícia de que Fernando Cajado e Serafim abandonariam o Boavista, causou perturbação nos meios afectos ao clube do Bessa.

♦♦ Os praticantes do ciclismo movimentam-se. Não se devem confirmar, segundo se diz, notícias de abandono em tempos postas a correr.

O voleibol portuense

O voleibol portuense, a despeito de dois clubes se haverem concorrido ao campeonato nacional, não pôde impor-se ainda ao voleibol lisboeta. Mas, pelo que se sabe, não desanimaram os praticantes e a Associação Regional, que elaboraram já o calendário de jogos oficiais. Antes assim.

Vejamos agora o resultado do sorteio:

1.^a jornada — F. C. do Porto-Académico F. C.; Sporting de Espinho-Leça; Centro Universitário-Leixões; Académica de Espinho-Vilanovaense.

2.^a jornada — Académico-Sporting de Espinho; Vilanovaense-F. C. do Porto; Leça-Centro Universitário; Leixões-Académica de Espinho.

3.^a jornada — Centro Universitário-Académico; Sporting de Espinho-F. C. do Porto; Académica de Espinho-Leça; Vilanovaense-Leixões.

4.^a jornada — Académico-Académica de Espinho; F. C. do Porto-Centro Universitário; Sporting de Espinho-Vilanovaense; Leça-Leixões.

5.^a jornada — Leixões-Académico; Académica de Espinho-F. C. do Porto; Centro Universitário-Sporting de Espinho; Vilanovaense-Leça.

6.^a jornada — Académico-Leça; F. C. do Porto-Leixões; Sporting de Espinho-Académica de Espinho; Centro Universitário-Vilanovaense.

7.^a jornada — Vilanovaense-Académico; Leça-F. C. do Porto; Leixões-Sporting de Espinho; Académica de Espinho-Centro Universitário.

Os jogos realizam-se nos campos dos clubes indicados em 1.^o lugar, principiando o campeonato no dia 21.

Verdadeiros clubes de desporto

A nossa Revista, feita para todos, gostaria de se referir, semana a semana, às iniciativas mais ou menos valorosas dos clubes portuenses. Infelizmente, porém, aparte a acção isolada de um ou de outro, temos de cair constantemente na referência ao trabalho dos principais, que bem poucos são.

Estivemos quase para dizer que na cidade do Porto se nota apenas a capacidade de um dos seus clubes, e mesmo esse com falhas, embora remediáveis. O Vasco da Gama vive para o basquetebol, o Vigorosa para o andebol, o Sport e o Fluvial para o remo... Os clubes ecleticos, os «grandes», onde estão?

Um? O caso é discutível e mesmo assim parece pouco. Torna-se necessário criar no Porto verdadeiros clubes desportivos.

FUTEBOL

Em Inglaterra

No sábado realizaram-se, simultaneamente, jogos para o Campeonato da Liga e os quartos de final da Taça. Quanto aos primeiros, registou-se uma surpresa: A derrota do leader, fora de casa, por um resultado expressivo (4-2) que encheu de orgulho os fanáticos do Aston Villa. A primeira parte terminou a favor do Arsenal, por duas bolas a uma. Os arsenalistas perderam uma ocasião excelente de aumentarem o resultado, quando Rook, sózinho na frente das redes, atirou ao poste. O mesmo jogador falhou um penalty, durante a segunda parte, e daí em diante Villa animou-se com enorme entusiasmo, marcando três tentos em 17 minutos.

Jesse Pye voltou a alinhar pelo Wolverhampton, depois de andar incluído nas reservas do primeiro grupo. O seu labor causou a derrota do Charlton Athletic, por 2-0, de baixo de intenso nevoeiro, embora o guarda-meta dos londrinos, Sam Bartram, se tenha batido leoninamente.

O Blackburn, jogando sem rumo nem codícia, acabou por ganhar ao Stoke City (2-0) após uma primeira metade desprovida de golos. A parêntese de defesas dos vencidos revelou-se pouco segura e daí o resultado.

Além dos precedentes, ainda se produziram os seguintes desafios da Liga: Chelsea ganhou ao Liverpool (3-1); Everton ao Middles (2-1); Bolton ao Huddersfield (2-1) e o Sunderland empatou com o Sheffield United a um tento.

A posição dos clubes da 1.ª Divisão conserva-se praticamente inalterável: o Arsenal na deanteira com sete pontos de avanço e menos um jogo que o Burnley; em terceira posição com menos dois pontos e dois jogos segue o Derby County; finalmente, o Preston, Wolves e Manchester United ocupam as posições seguintes. Na cauda da classificação tanto o Liverpool como o Stoke, o Blackburn e o Huddersfield estão em perigo de ter que baixar de divisão e o Grimsby está condenado a isso.

Quanto aos quartos de final para a Taça acham-se já apurados nesta data o Blackpool, o Manchester United, o Tottenham que venceram respectivamente o Fulham, o Preston e o Southampton. O quarto semi-finalista deve ser o Derby County, que empatou (1-1) com grande dificuldade, após duas horas tormentosas, com o Queens Park Rangers, devendo lutar outra vez.

Conforme já aqui dissemos, uma final entre o Manchester e o Derby não seria totalmente desprovida de senso, nem de interesse, mas a lógica tem pouco que ver em assuntos de azar e de sorte!

Em Espanha

Segundo declarou o árbitro, sr. La Ribas, o público sevilha-nu inutilizou 14 bolas de couro no decurso do desafio celebrado,

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

Foi o que se pode classificar um dia cheio de surpresas e incidentes, o sábado último, por ocasião dos quatro desafios para apuramento dos semi-finalistas da Taça de Inglaterra.

O Tottenham ainda não tinha feito exibição mais desastrosa, durante a época, como aquela com que premiou os seus adeptos: a vinte e cinco minutos do apito final parecia irremediavelmente sucumbido. Foi então que Leslie Benell, sózinho, atirou de modo imparável. O público, tomado de entusiasmo, invadiu o terreno felicitando o feliz jogador das «reservas», e obrigou a policia a intervir para limpeza do terreno.

Outro caso de excitação colectiva deu-se no desafio Derby-Rangers. O gol de empate, obido pelos primeiros nomeados, acendeu a cólera dos segundos contra a validade do tento. Esgotados os argumentos desfavoráveis, ambos os teams voltaram a alinhar, verificando-se, então, com algum espanto, que a bola havia desaparecido! Foi o público, depois de algum tempo de pesquizes inúteis, quem descobriu a esfera de couro, anichada num «cantos» das redes do Rangers, tal como ficara após o remate.

Fulham alinhou inferiorizado. Apenas dez homens, porque os dois restantes adoeceram bruscamente: o guarda-redes, Hinton, com febre, e o defesa, Freeman, 12 minutos depois baixou ao hospital com prováveis lesões internas.

Manchester United, quando seguiu de autocarro, de Old Trafford para Main Road, colidiu (em sentido figurado) com outro veículo de energia equivalente. Do choque resultou um certo abalo moral mas o conjunto — apesar da excitação — obteve um marcado triunfo.

Os videirinhos do desporto (que os há em toda a parte, lá e por aqui...) tentaram apanhar gorda pecúnia aos incautos e infelizes, ora falsificando os bilhetes com emissões clandestinas, ora propondo a venda de verdadeiros com usura. Em Southampton, os peões, de seis xelins, estiveram cotados com 700 por cento de ágio — um guinéu — e em Fulham, outros lugares mais baratos, de 3 xelins, atingiram três libras. Apesar da oferta ninguém lhes pegou. Nisto, os entusiasmas revelaram-se muito mais avisados e sensatos, fechando os cordões da bolsa à ganância dos vendilhões, do que muitos novos-ricos portugueses.

A assistência aos desafios referidos regulou por 170.638 pessoas e a receita atingiu 22 mil libras.

R. B.

As «Ligas» em Espanha

Voltou o Real Madrid a perder, o que faz subsistir o perigo da «descida». Entretanto, na frente, o Valência, ganhando em casa e com o empate que o Barcelona impôs ao Atlético de Madrid, consolida ainda mais a sua posição de «leader». O Sabadell foi o único «visitado» que não soube evitar a derrota, enquanto

o Sevilla se resarcia dos dois últimos desaires.

Eis os resultados:

Sabadell... 1 — Oviedo... 2
A. Bilbao... 6 — Alcoyano... 1
Valencia... 3 — Tarragona... 1
Espanhol... 2 — R. Madrid... 0
A. Madrid... 2 — Barcelona... 2
Sevilla... 5 — Celta... 1
Gijon... 4 — R. Sociedad... 1

Na Liga secundária, nada de novo se passou. Anotem-se, entretanto, os dois resultados volumosos do Cordova e do Mestalla. Seguem os números:

Ferrol... 3 — Castellon... 0
Murcia... 1 — Corunha... 1
Mestalla... 8 — Valladolid... 3
Badalona... 8 — Maiorca... 1
Malaga... 2 — Granada... 2
Hercules... 2 — Levante... 2
Cordova... 5 — Baracaldo... 1

RUGBY

Irlanda, 6 pontos Escócia, 0

A equipa nacional irlandesa ganhou por seis pontos (dois ensaios) a zero à equipa escocesa, depois de um desafio muito movimentado e aplaudido.

BOXE

Os «trifunfos» e o «84»

O pugilista brasileiro Osvaldo Silva, que se encontra nos Estados Unidos, e que é mais conhecido no seu país pela alcunha de o «84», não tem conseguido resultados proporcionais à fama que o precedia. Depois de uma luta movimentadíssima com Henry Chemel, travada em Miami, foi declarado vencido por suspensão do combate no decurso do décimo round, em virtude dos ferimentos recebidos.

Willie Pep ganhou a Humberto Sierra

O campeão mundial de «semi-leves», William Pep, combateu o titular cubano da mesma categoria, Humberto Sierra. O match foi um tanto equilibrado até que o campeão conseguiu abalar o seu rijo adversário durante o décimo assalto e pô-lo K. O. pouco depois.

Os campeonatos amadores dos E. U. A

Nos primeiros dias do corrente mês, realizaram-se em Nova York os campeonatos amadores denominados Golden Gloves Tournament of Champions. A cidade de Nova York fez-se representar por uma equipa fortíssima, cujo apuramento se realizou no Madison S. Garden e foi assistido por 18.577 pessoas, compreendendo — entre outros valores individuais — o negro Coley Wallace, do Salem Crescent A. C. a quem a critica designa como 2.º Joe Louis.

Além da equipa noviorquina, estarão representados doze agrupamentos mais, desde o Maine a Porto Rico, num choque de forças muito equilibrado. O concorrente de maior valimento chama-se John Saxton, considerado hoje o pugilista amador mais hábil e científico dos Estados Unidos. É estudante liceal, contendo apenas 17 primaveras, mas raros serão os profissionais da categoria «leves» capazes de o imitar dentro das cordas do rectângulo.



Correia, em mais uma caricatura felicíssima de Adriano, parece que fala! As suas mãos tocam a bola, e ela ainda não chegou... O seu olhar, vivo e luminoso, parece seguir o movimento da bola, e o seu rosto tem a concentração dos grandes momentos em frente das balizas



O basquetebol está muito divulgado na América. Praticam-no também, em larga escala, as formosas raparigas americanas, como esta, de linhas elegantíssimas, que, segundo a legenda americana, acaba, radiante, uma sessão de treino...

AS "DOULES" INJANTIS no JOCKEY CLUBE



José Manuel Ferreira, Ana Maria Alcaçovas e D. Caetano Alcaçovas os três primeiros classificados

A Sociedade Hípica Portuguesa, com o fim de desenvolver o gosto e o entusiasmo pelo desporto hípico entre a juventude, resolveu, e muito bem quanto a nós, realizar todos os domingos umas provas equestres destinadas a rapazes e meninas com idades inferiores a 16 anos.

Servirão estas de preparação para umas outras que se espera incluir no programa do Concurso Hípico Internacional de Lisboa, a realizar em Maio próximo, além das provas «Diana» e «Discípulos» já tradicionais no certame lisboeta.

Excusado será enaltecer o interesse desta iniciativa, sabendo-se, como se sabe, que servirá aos jovens de magnífica oportunidade para tomar contacto com o hipódromo e até com o público, que todos os domingos aflui em grande escala ao Jockey Club para assistir às «poules» de obstáculos que ali se estão realizando com regularidade.

É claro que a própria natureza das provas não aconselha dificuldades de percursos nem as torna espectáculo de emoção mas, no entanto, o público acompanhou-as no domingo com vivo interesse, aplaudindo os jovens cavaleiros, que revelaram, diga-se de passagem, destreza e desembaraço.

Os jovens cavaleiros — quantos dos nossos «ases» de hoje não começaram desta idade? — terão assim uma magnífica oportunidade de se apresentar em público para que não se perca o seu interesse, nem afrouxe o seu entusiasmo pelo desporto hípico.

Devido à iniciativa da S. H. P. eles lá estarão a trabalhar ante o olhar dos mestres, a alegria dos pais e o interesse do público.

A. T.

No Bairro da ENCARNAÇÃO inaugurou-se o CLUBE DESPORTO e ALEGRIA



Os moradores do Bairro da Encarnação fundaram o Clube de Desporto e Alegria, cuja sede foi inaugurada solenemente no passado domingo. A primeira manifestação desportiva do novo clube foi um ciclo-turismo, que reuniu dezenas de pessoas. Publicamos, em baixo, o grupo de concorrentes, e em cima as gentis ciclistas do Clube de Desporto e Alegria

